

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

ANA KELLY VASCONCELOS FRANKLIN DE SOUSA

**MEL DA PEDREIRA: UM QUILOMBO PROTESTANTE NA
AMAZÔNIA BRASILEIRA**

SÃO PAULO

2014

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

ANA KELLY VASCONCELOS FRANKLIN DE SOUSA

**MEL DA PEDREIRA: UM QUILOMBO PROTESTANTE NA
AMAZÔNIA BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: João Baptista Borges Pereira

SÃO PAULO

2014

S725m Sousa, Ana Kelly Vasconcelos Franklin de
Mel da Pedreira: um quilombo protestante na Amazônia
brasileira / Ana Kelly Vasconcelos Franklin de Sousa – 2014.
77 f.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

Orientador: Prof. Dr. João Baptista Pereira Borges

Bibliografia: f. 73-74

1. Quilombo 2. Identidade 3. Religião 4. Presbiterianismo 5. Mel
da Pedreira I. Título

LC BX9042.B66

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira
Orientador
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Renato da Silva Queiroz
Universidade de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Suzana Ramos Coutinho
Universidade Presbiteriana Mackenzie

AGRADECIMENTOS

Não há pesquisa feita a duas mãos. Muitas foram as pessoas que contribuíram para que essa dissertação pudesse ser concluída.

Agradeço, acima de tudo, a Deus por ter orquestrado o universo de tal forma que esse estudo fizesse parte da minha vida.

Agradeço a meu orientador, professor João Baptista Borges, que com sua imensa experiência nos estudos do negro e sensibilidade antropológica profunda me permitiu e incentivou a conduzir a pesquisa de forma que percorresse pelas minhas experiências já vividas, tanto pessoais quanto acadêmicas, e sempre ofereceu apoio em todas as fases da pesquisa.

Ao professor Renato Queiroz, examinador externo, agradeço imensamente pelo direcionamento na validação, que foram indispensáveis para o progresso do trabalho.

À professora Suzana Coutinho, amiga e companheira em duas viagens ao quilombo, sempre tão disposta a me ouvir e incentivar.

Ao professor Antônio Máspoli de Araújo Gomes, por abrir as portas de contato com o quilombo para que minha primeira visita fosse possível, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço também à Universidade Presbiteriana Mackenzie, ao fundo Mack Pesquisa e à Prof. Paula Conti que facilitaram e apoiaram minhas idas ao quilombo.

Agradeço à comunidade do Quilombo Mel da Pedreira que me recebeu de coração aberto e se tornaram amigos queridos. Sinto imensa gratidão por terem dividido o pão, a casa, os cultos, sua história e vidas comigo.

Agradeço aos meus familiares e amigos que sempre me motivaram. Cada um, de sua forma, tornou essa caminhada menos solitária.

Agradeço aos meus filhos, Gabriel e Nicole, por terem sido tão pacientes e amáveis quando tive que diminuir nosso tempo de brincadeiras para me concentrar na elaboração do texto e também por terem sido compreensivos durante as minhas viagens e segurado a saudade com bravura.

Agradeço, especialmente, a Rodrigo Franklin de Sousa, meu marido. Palavras não são capazes de traduzir minha gratidão por todo o seu carinho nesse trabalho de mais de dois anos. Seu constante incentivo com palavras encorajadoras, as semanas que ele foi pai e mãe para que eu pudesse ir até a Amazônia fazer a pesquisa de campo, sua paciência nas muitas horas em que a jornada aparentava mais árdua do que eu poderia suportar, enfim, a lista é imensa, assim como meu amor e gratidão. Ele sempre foi, e continua sendo, minha maior inspiração acadêmica e é a ele que dedico este trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	IV
ABSTRACT	V
INTRODUÇÃO	6
1 A TERRA	13
1.1 HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS DO QUILOMBO	13
1.1.1 <i>As origens</i>	13
1.1.2 <i>O espaço físico</i>	15
1.1.3 <i>A economia</i>	18
1.2 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO QUILOMBO	20
1.3 O PROCESSO DE TITULAÇÃO	21
2 A RELIGIÃO	33
2.1 A CONVERSÃO DO QUILOMBO	33
2.1.1 <i>As aventuras de Seu Bráulio</i>	33
2.1.2 <i>A passagem do quilombo para o protestantismo</i>	36
2.1.3 <i>A transição para a IPB</i>	38
2.2 A IGREJA INTERNA – CONFIGURAÇÃO COMO GRUPO RELIGIOSO	39
2.2.1 <i>Hierarquia</i>	39
2.2.2 <i>Forma de culto</i>	42
2.3 OUTRAS FORMAS DE PROTESTANTISMO NO MEL DA PEDREIRA	45
3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	50
1.1 PROTESTANTISMO, SINCRETISMO E EXPERIÊNCIA MÍSTICA NA VISÃO QUILOMBOLA	50
1.1.1 <i>A religiosidade tradicional no Mel da Pedreira e seu entorno</i>	50
1.1.2 <i>O efeito do Protestantismo sobre a religiosidade no Mel da Pedreira</i>	53
1.2 RELIGIOSIDADE, SINCRETISMO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73

RESUMO

MEL DA PEDREIRA: UM QUILOMBO PROTESTANTE NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

O presente trabalho busca descrever os elementos que compõem a identidade dos negros do quilombo Mel da Pedreira, do Amapá, fazendo essa leitura a partir da teoria da identidade apresentada pelos autores Roberto Cardoso de Oliveira e João Baptista Borges Pereira. O método principal para a pesquisa foi a realização de entrevistas no quilombo, durante três visitas ao campo, além da análise de atas e documentos, histórias de vida, leituras bibliográficas, levantamento de genealogia e mapeamento do local. O primeiro capítulo aborda o quilombo em suas características gerais e fala sobre a terra, o segundo focaliza nos aspectos religiosos de conversão do catolicismo popular sincrético à fé presbiteriana e o terceiro discute questões de identidade relacionadas à terra e à religião. Argumenta-se que a identidade dos quilombolas do Mel da Pedreira é construída com base em sua religiosidade e em sua relação com a terra.

Palavras-chave: quilombo – Mel da Pedreira – identidade – religião – presbiterianismo

ABSTRACT

MEL DA PEDREIRA: UM QUILOMBO PROTESTANTE NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

The present work aims at describing the elements that compose the identity of an African descent community called Mel da Pedreira, in the Brazilian amazon, interpreting it from the standpoint of the theory of identity as presented by Roberto Cardoso de Oliveira and João Baptista Borges Pereira. The main method used for the research were interviews during three visits to the quilombo, together with document analyses, life histories, bibliography reviews, and genealogical and geographical mapping. The first chapter deals with the general characteristics of the community, and the matters related to the land; the second focuses on religious aspects, particularly the conversion from syncretic popular Catholicism to the Presbyterian faith; and the third discusses identity matters related to the land and religion. It is argued that the identity of the quilombolas at Mel da Pedreira is constructed on the basis of their religion and their connection to the land.

Keywords: Quilombo – Mel da Pedreira – Identity – Religion – Presbyterianism

INTRODUÇÃO

Melhor que o mel, só o céu. Com essa frase, recitada em uníssono, os quilombolas presbiterianos do Mel da Pedreira, quilombo localizado no estado do Amapá, encerram seus cultos dominicais, realizados sempre pela manhã. Entre eles, a valorização tanto da terra quanto da religião é nítida.

O quilombo Mel da Pedreira está entre os poucos quilombos cuja terra foi titulada. Até hoje, no Amapá, a apenas três quilombos foi concedida a titulação: o primeiro foi o Quilombo do Curiaú, em 1999, o segundo foi o quilombo Conceição do Macaroari, em 2005 e, por último, o Mel da Pedreira, que recebeu sua titulação em 2007. O quilombo ocupa uma área de 2.199,4570 ha, que fica localizada a 40 km do centro de Macapá. Nele residem 17 famílias, totalizando cerca de 70 habitantes que ocupam a terra desde 1954. A titulação foi outorgada após um processo junto ao INCRA, primeiramente de auto reconhecimento da identidade quilombola, e depois de uma série de visitas e entrevistas que geraram laudos antropológicos favoráveis à titulação da terra.

Mas, é justamente no tocante à religião que o quilombo Mel da Pedreira apresenta seu traço mais peculiar e distintivo. Outrora caracterizado por um catolicismo sincrético, de traços semelhantes aos encontrados em outros quilombos, desde 1968 a comunidade Mel da Pedreira adotou o presbiterianismo como religião oficial e é, hoje, ao que parece, a única comunidade quilombola que se autodenomina presbiteriana. Não apenas se autodenominam dessa forma, mas são reconhecidos e filiados à Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

As perguntas que surgem a partir da realização dos fatores supracitados são variadas e intrigantes: como é construída a identidade étnica do grupo? Se o *ser quilombola* está atrelado a manter uma identidade étnica que tenha laços com a cultura de origem, como definir o que é ser quilombola sendo presbiteriano? Haveria alguma incompatibilidade conceitual em ser quilombola

e presbiteriano? Essas identidades, étnica e religiosa, teriam sido absorvidas de fora para dentro ou de dentro para fora? Que face uma religião de origem europeia, alicerçada em bases históricas de viés tradicional, assumiria contextualizada numa comunidade remanescente de escravizados? E, a pergunta que, para mim, é a mais central de todas: como os quilombolas do Mel da Pedreira se veem?

A proposta dessa pesquisa foi, portanto, responder a tais perguntas ao focalizar os aspectos religiosos da comunidade quilombola Mel da Pedreira, mas sem perder de vista elementos estruturais da comunidade como a posse da terra, como eles se definem enquanto quilombolas, suas relações familiares, seus traços culturais mais marcantes e suas relações sociais com outros grupos vizinhos.

Do que já tem sido estudado sobre negritude, existe um campo vasto de pesquisas. Autores clássicos como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Roger Bastide, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira e Fernando Henrique Cardoso fazem parte das primeiras fases dos estudos acadêmicos sobre o negro brasileiro.

A partir dos anos de 1970, algumas pesquisas se destacam por maior interesse nas questões ligadas à militância negra. Aqui merecem destaque os trabalhos de Baiocchi (1983) sobre os negros de Cedro, de Queiroz (2006) sobre negros no Vale do Ribeira, de Bandeira (1988) em Vila Bela, no Mato Grosso, e o trabalho de Monteiro (1985) sobre negros em um bairro rural de Pernambuco, um dos poucos que abordam com mais ênfase o aspecto religioso.

Entretanto, poucos estudos específicos sobre o quilombo Mel da Pedreira têm sido publicados. O que existe até agora são dissertações de mestrado, sendo que a maioria delas trata da questão da posse da terra. Cito duas dessas dissertações: Soares (2008) e Colares (2010).

Quando cursei Letras, ainda nos anos de 1990, fui bolsista do PET (Programa Especial de Treinamento), um programa da CAPES que oferecia

bolsas a doze alunos de graduação para desenvolverem pesquisas nas áreas de Linguística ou de Literatura. Naquela época, cultivei uma afinidade particular com os estudos literários, especialmente com a poesia. Sendo assim, desenvolvi minha pesquisa acerca da “poesia negra” de Jorge de Lima, destacando três fases na obra do poeta, cada fase cantando o negro de uma forma diferenciada.

Entre o final da graduação em Letras e o início do mestrado em Ciências da Religião, morei em Malawi, na África, por seis meses. O contato direto com o continente africano me proporcionou a oportunidade de observar mais de perto os Chewas, grupo étnico principal no país, e refletir especialmente sobre sua religiosidade. Por ser uma ex-colônia britânica, Malawi tem uma herança presbiteriana forte, atribuída à chegada do escocês David Livingstone em 1859, figura associada à luta pelo fim da escravidão no país, e sua influência na implantação de várias bases missionárias no local.

As relações tensas e interconectadas entre as religiões africanas locais e as várias formas de cristianismo, especialmente o presbiterianismo, abraçadas pelos nativos de Malawi parece-me ter similaridades com contextos de sincretismo religioso aqui no Brasil.

O *Gule Wamkulu* é um culto secreto que envolve um ritual de dança praticado entre os Chewas, habitantes de Malawi, Zâmbia e Moçambique. Em suas apresentações, os participantes vestem-se com fantasias e máscaras que representam vários personagens, incluindo animais, traficantes de escravos e espíritos da morte. A prática de ir à igreja protestante pela manhã e participar do *Gule Wamkulu* à noite é uma realidade para muitos. Essa passagem de uma religião para a outra e a possível convivência entre elas me fascinaram. Sendo assim, quando ouvi falar no Quilombo Mel da Pedreira e sua religiosidade, assumidamente presbiteriana, quis chegar mais perto e ver com meus olhos que face ou faces religiosas teria tal comunidade.

Quando decidi fazer mestrado em Ciências da Religião, achei por bem retomar a temática do negro. Primeiramente, pela familiaridade com o assunto, mas, principalmente, pelo interesse na área, que nunca me deixou.

O campo de estudos sobre o negro brasileiro, hoje denominado quilombola, tem se desenvolvido nas últimas décadas. Em todas as pesquisas já realizadas, os resultados no tocante à religião das comunidades quilombolas foram apresentados de forma a concluir-se que tais grupos apresentam variações dentro do contexto religioso brasileiro, notadamente ligado ao catolicismo. Mas em geral, não se tem dado atenção à dimensão religiosa dos quilombos. Uma notável exceção é o trabalho de Monteiro (1985), sobre a comunidade Castainho, em que ela descreve um culto afro com o nome de *senzala*. Em nenhuma delas é apresentado um grupo que se autodenomine presbiteriano.

Esse diferencial observado no Quilombo Mel da Pedreira aponta para a necessidade de uma pesquisa que desmembre em pormenores tal fenômeno cultural-religioso. Se a tradição da religiosidade negra no Brasil se define pela identificação com os cultos afro-brasileiros e com o catolicismo popular, um grupo que se autodenomina quilombola e presbiteriano apresenta uma curiosidade acadêmica que permeia discussões sobre a identidade ideológica-política e cultural e religiosa do grupo. Entender a religiosidade presbiteriana no grupo é, portanto, entender melhor sobre o que é o presbiterianismo e, semelhantemente, sobre o que é ser quilombola no Brasil.

Como observa Borges Pereira, a identidade é um construto social que se dá de maneira reflexa. Na estrutura social, um grupo se enxerga e constrói sua identidade a partir da visão do outro sobre ele. Conseqüentemente, o outro tem sua identidade construída a partir da visão de quem o enxerga (Borges Pereira, 2005, p.104). Dessa forma, nos interessa compreender a dinâmica da construção da identidade no quilombo Mel da Pedreira, tanto por parte dos membros da comunidade, quanto daqueles que os veem de fora.

O interesse na temática, porém, não é exclusividade da academia. Desde 1988, com a promulgação da Constituição, surgiram muitos grupos afrodescendentes que se organizaram em ações comunitárias, revelando seus interesses na legalização das terras que ocupam. Assim, o Governo Federal, por meio do INCRA, iniciou uma série de perícias e laudos antropológicos para averiguar a situação e especificidades de cada área. Esse interesse não só acadêmico, mas também político e ideológico de exaltação do negro no cenário nacional, reforça a necessidade da questão das comunidades remanescentes de quilombos ser abordada a partir de perspectivas as mais variadas possíveis, inclusive, pelo campo de estudo das Ciências da Religião.

Para a realização do trabalho, realizei três visitas ao quilombo Mel da Pedreira. Em outubro de 2012, fiz uma visita para a realização de um *survey*, a fim de avaliar a viabilidade do desenvolvimento desta pesquisa. Na companhia do Prof. Antônio Máspoli de Araújo Gomes e da Prof. Suzana Ramos Coutinho, ambos do programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que lá estavam no contexto de um projeto mais amplo de solidariedade do programa, passei uma semana no local observando, conhecendo o ambiente e conversando com os membros da comunidade. Foi uma visita extremamente frutífera, pois pude confirmar não apenas o meu interesse na temática, mas também a real possibilidade de levar adiante a pesquisa. Mais duas visitas ao quilombo foram realizadas. A segunda em Julho de 2013 e a terceira em Abril de 2014.

As escolhas técnico-metodológicas para este projeto incluíram, essencialmente: visitas ao campo, observação geral (panorâmica) entrevistas e seleção de informantes, análise de atas e documentos, histórias de vida, leituras bibliográficas, levantamento de genealogia e mapeamento do local. Na pesquisa de campo, entrevistas formais e informais e observação do cotidiano foram os meios mais eficientes para coletar dados.

Refletindo um pouco além sobre escolhas metodológicas, creio que não existe uma única forma de chegar ao campo e seguir a lista “do que fazer” planejada antes da partida. Uma teorização sobre o fazer etnográfico se faz necessária, pois existe sempre o risco da incapacidade de situar-se entre o povo, mesmo conhecendo a sua língua (Geertz, 2008, p.10).

Geertz também discorre sobre a importância de não presumir que podemos encaixar a cultura alheia nos nossos moldes e, ainda assim, obtermos resultados justos. Ver do ponto de vista do “nativo” parece transpor questões de empatia ou de identificação, pois é papel do observador tentar descobrir “que diabos eles acham que estão fazendo” (Geertz, 1997, p.89), como se definem como pessoas e como grupo.

O foco teórico central baseia-se nas propostas de análise e interpretação de identidade do grupo, que engloba tópicos referentes às singularidades “raciais” ou étnicas (etnicidade) e à religião, no caso, o protestantismo.

Muitos estudiosos contribuíram para o desenvolvimento de um pensar teórico sobre questões de identidade, porém, os autores que fornecem o principal apoio ao meu estudo são Roberto Cardoso de Oliveira e João Baptista Borges Pereira.

O primeiro desenvolve conceitos da teoria da identidade bastante significativos, especialmente no tocante à caracterização da essência da identidade étnica, que é de natureza ideológica, a partir da noção de que existem pelo menos duas identidades que se complementam (“*matching identities*”). Algumas identidades se mostram como simplesmente complementares, e outras, apesar de complementares, são observadas e construídas contrastivamente. Seria o caso da relação dos conceitos de “protestante” e “católico” ou “negro” e “branco”, para citar alguns exemplos, que só seriam inteligíveis quando relacionados entre si, contrastivamente (Cardoso de Oliveira, 1976, p.45).

Borges Pereira, por sua vez, resume as ideias desenvolvidas por Cardoso de Oliveira em seu artigo “Identidade Protestante no Brasil Ontem e Hoje” e

fala da identidade como “fenômeno relacional em termos de estrutura social” (Borges Pereira, 2005, p.104). A um dos aspectos essenciais de tal relação ele nomeia de identidade-reflexa, “o grupo que se vê pelos olhos do outro”. A identidade, construída histórica e socialmente, parte da relação de identificação e negação com relação ao outro. A identidade de um grupo seria, portanto, “o resultado do que esse grupo imagina sobre si mesmo e do que os outros pensam dele” (Borges Pereira, 2005, p.104).

O problema central dessa pesquisa se refere às questões religiosas presentes no quilombo Mel da Pedreira e como esses elementos de religiosidade são refletidos pelos próprios quilombolas. Algumas perguntas que nortearam o trabalho foram: Como se deu a conversão do quilombo enquanto comunidade do catolicismo para o presbiterianismo, como os quilombolas do Mel da Pedreira se percebem e são percebidos enquanto presbiterianos e que tipo de presbiterianismo existe na comunidade? Quais os pressupostos teóricos que validam uma investigação mais acurada na busca de identidade dos membros da comunidade do Mel da Pedreira enquanto quilombolas e presbiterianos?

O quilombo Mel da Pedreira, que se situa a aproximadamente 40km de Macapá, no estado do Amapá, ocupa uma área de 2.199,4570 ha, toda ela titulada pelo Governo Federal do Brasil e pertencente aos membros do quilombo. É uma área de vegetação serrana e é ladeado pelo rio Pedreira. No quilombo moram aproximadamente 70 pessoas, em casas que variam em tamanho, mas todas feitas de madeira. Há uma igreja Presbiteriana e uma escola estadual dentro do quilombo. O acesso se dá por uma estrada asfaltada até a linha do trem, marco do início do quilombo. A partir da entrada do quilombo, as ruas são todas de terra.

1 A TERRA

1.1 HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS DO QUILOMBO

1.1.1 As origens

De que país da África eles vêm não se sabe exatamente. Mas sabe-se que parte da herança familiar dos quilombolas do Mel da Pedreira é africana, descendente de negros escravizados trazidos para o Brasil e parte é francesa, clara e de feições europeias. Ao conhecer os membros da família do patriarca do quilombo, antes mesmo de saber dessa dupla origem, percebi que alguns são de pele bem escura e traços claramente africanos e outros são mais claros. Como eles mesmos dizem, são quatro pardos, dois negros e dois louros, referindo-se aos oito filhos do patriarca: duas mulheres e seis homens. Eles brincam entre si sobre o fato notório sem qualquer constrangimento ou preocupação. Todos se enxergam como parte de um só grupo, apesar das diferenças físicas.

A parte clara vem do patriarca, Antônio Bráulio de Souza (“Seu Bráulio”), cujo pai era francês e a mãe era negra. Ele vem do quilombo do Ambé, região da Pedreira. A família era conhecida como Caiana, justamente por vir de Caiena, capital da Guiana Francesa. A sua esposa, Auta Augusta Ramos de Souza, é quem carregava a cor negra. Ela pertencia ao quilombo Pedra dos Bois, que fica na outra margem do rio Pedreira, mas vem originalmente de Campineiro da Pedra, e se casou com Seu Bráulio.

Contou-me Seu Alexandre, meu informante mais detalhista e quinto filho do patriarca, que Antônio Bráulio comprou um pedaço de terra ao seu primo, lugar este onde é hoje o quilombo. No dia 11 de maio de 1954 ele passou a morar nessa propriedade juntamente com Auta Augusta e os filhos que já tinham, e chamaram o lugar de Ressaca do Mel, pois ao derrubarem árvores ocas, nelas acharam grande quantidade de mel. Eles criavam porcos, trabalhavam na agricultura, pescavam no rio e cultivavam mel. Tiveram 8 filhos

ao todo. Não ficou claro nas entrevistas o momento exato em que o nome do lugar passou a ser Mel da Pedreira. Se a palavra *mel* foi incorporada ao nome do quilombo pelos motivos já descritos acima, a palavra Pedreira se refere ao Rio Pedreira, que margeia o quilombo. Conta a história que do longo rio foram tiradas as pedras para a construção da Fortaleza de São José de Macapá, concluída em 1738. Assim, sabe-se pelo menos que Pedreira se refere à região que abrange as comunidades que são localizadas perto do rio.

No Amapá existem setenta e duas comunidades remanescentes de escravizados. O Mel da Pedreira se localiza na região da Pedreira, como já foi dito, e está entre outros quilombos que ficam, tanto na região da Pedreira quanto em outras áreas e mantém relações de amizade e de evangelização. As mais citadas por eles são: Alegre, Ambé, São Pedro dos Bois, Ressaca da Pedreira, Rosa, Santo Antônio do Matapi e Tessalônica. Em minhas três idas ao Amapá visitei, além do Mel da Pedreira, as três primeiras mencionadas.

Em minhas observações e entrevistas percebi que o quilombo Mel da Pedreira se organiza de forma patriarcal, o que fica especialmente claro no fato dos líderes políticos e religiosos serem exclusivamente figuras masculinas. O que me chamou atenção nesse aspecto, entretanto, foi um número proporcionalmente considerável de separações conjugais, e quase todos pela iniciativa da mulher, revelando que, no grupo, a voz da mulher é ativa e tem poder de decisão, se não na família, no que diz respeito ao rumo de sua própria vida. Nas relações cotidianas, algumas mulheres são muito falantes e expressam sua opinião com intrepidez. Muitos casamentos do quilombo vêm da interação com os quilombos vizinhos, principalmente de São Pedro dos Bois, que fica na outra margem do rio. Percebi também que relacionamentos conjugais entre primos é comum.

Desde seu início, o quilombo Mel da Pedreira apresentou características sincréticas quanto às tradições religiosas. Eram católicos, devotos de Santo Antônio, e, concomitantemente, participavam de cerimoniais de pajelança

cabocla, com elementos comuns a outras partes da Amazônia, como a incorporação de encantados, entidades espirituais que falavam e interagiam com a comunidade e que se manifestavam através do patriarca do quilombo. Por dez anos de formação do quilombo essa foi a prática vigente, até que houve uma espécie de conversão coletiva da comunidade à fé presbiteriana.

Esta mudança trouxe nuances específicas ao quilombo, e alterou significativamente a forma como os quilombolas do Mel da Pedreira passaram a ver e construir sua própria identidade. É justamente essa transformação que constitui o objetivo central desta pesquisa. Como no segundo capítulo tratarei dos elementos religiosos mais detalhadamente, agora nos deteremos em outros elementos constitutivos de identidade no Quilombo do Mel da Pedreira.

1.1.2 O espaço físico

Chega-se ao quilombo através da BR 210, aproximadamente no km 30, conhecido na região como Ramal do Ambé. Ao cruzar a linha do trem, já se avista o quilombo. Suas bordas abrigam uma área vasta e plana, cercada de campos de várzea e de vegetação serrana, plantações de milho e mandioca, um balneário bonito, repleto de folhas de lírios d'água e de histórias sobre onças que já foram vistas entre o matagal.

O quilombo Mel da Pedreira é um lugar de beleza. A terra é muito extensa e, como há poucas casas construídas na vasta área de 2.199,4570 ha, o que se vê por vários minutos após entrar na propriedade de carro é vegetação várzea. Alguns blocos de plantações ladeiam a estrada de terra que levam até onde as casas começam a surgir. Com a ajuda da Prof. Suzana Coutinho, mapeei na área do quilombo dezessete casas. A água é encanada em todas elas e há energia elétrica, o que possibilita o uso de televisão, geladeira, rádio e máquina de lavar roupas.

As casas foram construídas com uma distância considerável umas das outras, mas agrupadas de um único lado da propriedade, mais perto da margem do rio. São feitas de madeira crua, escuras por dentro e sem muro. Algumas são pintadas por fora. Possuem sala, cozinha, quartos e banheiro e logo percebi que a praticidade é mais valorizada do que qualquer aspecto estético. Com apenas a exceção de uma das casas, não vi quadros ou artigos de decoração. Nem mesmo flores, que também não são muito cultivadas nos jardins das casas. Tanto na casa onde me hospedei quanto na igreja, observei que as flores eram artificiais. Por causa dos mosquitos e abelhas, todas as camas possuem mosquiteiros.

Além das casas, há três construções no quilombo que são necessárias mencionar: a escola, a igreja e a casa de farinha. A última é a mais recente e é usada para a produção de farinha que serve tanto para o consumo local quanto para a venda. É uma farinha grossa, usada em diversos pratos, mas principalmente com o açaí. No dia sete de novembro de 2013, a nova casa de farinha foi inaugurada após um ano de construção. Trata-se de um lugar arejado e amplo, onde é possível produzir até duas toneladas de farinha por mês, graças ao fato da produção ser mecanizada. O projeto foi realizado em parceria com o governo do Estado e, no mesmo dia em que a comunidade recebeu a Casa de Farinha, foi assinado um convênio com a Caixa Econômica Federal para a construção de quarenta e duas unidades habitacionais através do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR).

Segundo Dionantan Cirilo de Souza, presidente da Associação dos Moradores Remanescentes Quilombolas do Mel da Pedreira (Amorquimp), a combinação do projeto da Casa de Farinha com as unidades habitacionais irá promover uma migração de alguns familiares que moram em Macapá para o quilombo, uma vez que terão direito à moradia e a trabalhar na produção da farinha e cultivo da agricultura. Voltaremos a esse ponto mais adiante.

A escola, cujo nome é uma homenagem ao patriarca, Escola Estadual Antônio Bráulio de Souza, que existe desde 1977, atende vinte crianças, incluindo algumas que vêm de comunidades vizinhas, possui quatro professores e tem como diretora uma das netas do patriarca, que é pedagoga. A escola oferece classes do primeiro ao quinto ano. Segundo a diretora, eles adotam o material recomendado pelo MEC. Perguntei se e como a escola repassava para os alunos a história deles enquanto quilombolas. Ela me falou que houve uma certa tensão inicial com alguns líderes quilombolas que estavam pressionando para que fosse ensinado apenas história africana e quilombola. Ao que ela protestou argumentando:

Gente, eu acho que não é por aí, você tem que ensinar o seu aluno, o seu filho, a conhecer tudo, se eu tenho condições o meu filho tem que aprender tudo.” De repente o seu filho ganha uma bolsa, vai estudar nos Estados Unidos, por exemplo, aí só conhece a história da África. E aí? Ele tem que saber? Tem. Ele tem que entender? Tem. Mas ele tem que aprender os outros países, a sua realidade, a realidade do seu próximo, da comunidade. Até a roupa, eles querem que use aquela roupa... aí eu disse: “Eu não estou na África”, só porque eu sou descendente...

A igreja foi construída recentemente. Ela foi edificada de frente para o rio Pedreira e a vista da porta principal é bastante bela. O templo é retangular, feito de tijolos, com acabamento e pintura novos, piso de cerâmica e bancos de madeira, aproximadamente dez de cada lado. Na frente fica uma mesa e, por trás dela, alguns instrumentos musicais, como violão, contrabaixo elétrico e bateria. Também há alguns suportes para microfones e toda a estrutura é de uma igreja evangélica convencional. Alguns arranjos de flores estão pendurados nas laterais do templo. Na parte de trás há uma extensão com um salão social, uma cozinha, banheiros e várias salas que são utilizadas para aulas de escola dominical.

1.1.3 A economia

Todos os indivíduos no quilombo trabalham individualmente, seja na agricultura e criação de porcos ou em trabalhos urbanos, e atuam como funcionários públicos, provedores de transporte escolar ou proprietários de pequenos negócios.

Merecem destaque duas iniciativas recentes de organização e desenvolvimento econômico do Quilombo do Mel da Pedreira: a apicultura e a produção de farinha.

1.1.3.1 A apicultura

A produção de mel é extremamente valorizada no Quilombo, e segundo relatos, importante até mesmo pela coerência com o próprio nome da comunidade.

A produção era inicialmente feita para consumo próprio e sem aspirações a um maior fluxo de produção ou comercialização. A produção organizada e sistemática se iniciou por volta de 2005, com o apoio de um projeto ligado ao Ministério da Agricultura. Um biólogo chamado Fernando Pessoa ajudou-os a treinar seis quilombos que se interessaram na introdução de técnicas de cultivo do mel. Entre os grupos que participaram do treinamento, a ONG deixou cinco caixas com abelhas e dez caixas vazias para a o prosseguimento da produção, com a ajuda de Richardson Fração, mestrando da UNIFAP na época, e orientando de Fernando Pessoa.

Um dos objetivos do projeto era não fazer desmatamento nem tirar as abelhas de árvore mortas ou com risco de morte. No Quilombo Mel da Pedreira

foram encontradas apenas três árvores consideradas adequadas. Assim, a produção aconteceu de forma lenta. O custo alto do açúcar, ingrediente necessário para a produção do mel, desanimou algumas comunidades de aderirem ao projeto. Para os quilombolas do Mel da Pedreira, a apicultura foi e é vista como uma forma de complementar a renda das famílias que aderiam à iniciativa, pois nem todos no quilombo abraçaram a ideia, e de resgatar a cultura do mel, elemento tão presente na história do quilombo, inclusive no próprio nome.

Em 2012, a OSCIP Yaver, em uma visita, interessou-se pelo quilombo e propôs ajudar na produção do mel. César Toledo, especialista em apicultura, introduziu o cultivo de outro tipo de abelha, a apes, e até hoje acompanha a produção de mel das abelhas no quilombo.

A produção do mel está ligada também ao Conselho das Comunidades Afrodescendentes do Amapá (CCADA), fundado em 2013 pelos quilombolas e afrodescendentes de comunidades na região. A entidade surgiu para representar, juridicamente, essas comunidades.

Segundo os quilombolas do Mel da Pedreira, o projeto com abelhas proporcionou uma mudança significativa na relação dos moradores com a natureza local. Antes, havia muitas queimadas e desmatamento, razão principal da redução drástica da quantidade de abelhas na região desde que o quilombo foi fundado. A conscientização ambiental foi, assim, um dos maiores acréscimos trazidos pelo cultivo do mel, além de outros apontados pelos líderes da comunidade, como a participação das mulheres, geralmente colocada à parte dos trabalhos lucrativos, por exemplo.

Após sete anos de desenvolvimento, em 2012 os membros da comunidade envolvidos no projeto venderam mel e conseguiram lucro suficiente para investirem no negócio e ainda guardarem dinheiro. Eles esperam, este ano, conseguir repartir os lucros entre eles.

1.1.3.2 A produção de farinha

Outro aspecto econômico a ser notado é a produção da farinha, que até pouco tempo era realizada de forma artesanal e para o consumo dos quilombolas do Mel da Pedreira, mas que aos poucos foi passando a ser uma atividade importante e, hoje, principal fonte de renda enquanto grupo.

Como já mencionei acima, recentemente, e após minha primeira visita ao quilombo, foi construída uma casa de farinha nova, mecanizada, bem mais ampla e sofisticada que a anterior, com melhores recursos de higienização para a produção da farinha.

1.2 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO QUILOMBO

Tanto a apicultura quanto a produção de farinha chamam atenção para dois aspectos observados em minhas visitas e entrevistas no quilombo. Primeiramente, os quilombolas do Mel da Pedreira possuem a habilidade de organizarem seus esforços para o progresso econômico da comunidade, desejo nítido de todos que fazem parte dela. Tal comprometimento é essencialmente favorável para que tomem decisões em conjunto sem maiores conflitos. A mesma unanimidade de pensamento foi imprescindível na conquista da titulação da terra, assunto que abordaremos ainda neste capítulo. Em segundo lugar, o quilombo do Mel da Pedreira caracteriza-se por uma clara organização tanto burocrática quanto da estrutura e cotidiano das famílias. Uma mulher da comunidade me falou:

...hoje o nosso quilombo ele é reconhecido no Brasil como o quilombo mais organizado em termos de associação, de legalidade, porque já foi feito o registro do terreno.

Sobre a pergunta “a que ela atribuía essa organização no quilombo”, respondeu:

Primeiro que a gente atribui a Deus por nos dar esse entendimento, de agir dessa forma, e como servos de Deus nós procuramos fazer tudo como manda a lei. Não atrasar nenhuma prestação de conta da associação... Dos moradores do quilombo. Então, se você for ver um registro da associação, a associação nunca esteve inadimplente... com nada. Todos os projetos que são liberados os recursos é prestado conta de cada centavo. E isso faz o diferencial porque as maiorias das associações estão inadimplentes.

1.3 O PROCESSO DE TITULAÇÃO

Os descendentes de Seu Bráulio viveram na propriedade por anos, alheios a terminologias como *quilombo* ou *quilombolas*, apesar de terem consciência de sua condição de descendentes de escravizados. No Quilombo Mel da Pedreira, a história da titulação chama a atenção por inúmeros aspectos, especialmente no que diz respeito a questões de identidade. Existe um nítido apego e reverência à terra enquanto lugar de herança. No caso deles, a terra foi, de fato, comprada pelo patriarca a seu primo. Sendo assim, desde sempre houve o sentimento de que a terra pertencia à família, apesar de terem, eventualmente, lidado com posseiros que viviam na propriedade e que foram convidados a desapropriar o local após a intervenção do Governo na questão territorial dos quilombos.

A titulação de terras quilombolas envolve várias etapas de um longo processo. É importante ressaltar, desde já, que a incorporação, tanto da nomenclatura quanto dos conceitos que permeiam o universo quilombola atual, faz parte de um movimento que acontece de fora para dentro. A visita da representante do INCRA em Macapá na época, Cristina Almeida, foi o ponto de início para que os quilombolas começassem a pensar sobre o que é um

quilombo, definido nos termos atuais, uma vez que existe uma diferença clara entre quilombos hoje e aqueles do período da escravidão. Se no passado, quilombos foram marcos de resistência e fuga para escravizados que tentaram escapar de seu sofrimento e vida em condições desumanas, após a Constituição de 1988 houve a necessidade de atualizar a definição do que eles seriam hoje, dentro de um contexto de igualdade de direitos humanos e de tentativa de rebatizar a palavra em um contexto de exaltação étnica.

A Associação Brasileira de Antropologia (ABA) define quilombo como: “Toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado.” (Andrade, 1997, p.40). Vê-se, portanto, do ponto de vista antropológico, que o passo inicial para o beneficiamento governamental das comunidades quilombolas é o auto reconhecimento do grupo como tal. São analisadas não apenas questões referentes ao território que ocupam, mas também os aspectos mitológicos e simbólicos, de recreação e recursos naturais. A conceituação do que sejam as comunidades quilombolas deve também ser pensada (Andrade, 1997, p.48):

O termo remanescente de quilombo, conforme deliberado pela ABA, em encontro realizado nos dias 17/18 de outubro de 1994, no Rio de Janeiro, embora tenha um conteúdo histórico, designa: “. . .hoje a situação presente dos segmentos negros entre diferentes regiões e contextos e é utilizado para designar um legado, uma herança cultural e material que lhe confere uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar e a um grupo específico.” (Garcia, José Milton - **PPVSP**)”

E ainda:

Conforme ensina o professor João Pacheco de Oliveira. ex-presidente da **ABA**: “Contemporaneamente, portanto, o termo

não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados mas, sobretudo, consistente em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar. A identidade desses grupos não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo. Trata-se, portanto, de uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados. Neste sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão.

Trata-se de uma conceituação que ecoa os conceitos propostos por (Barth, 2011).

Em Março de 2004, o Governo Federal lançou o Programa Brasil Quilombola (PBQ) para atender as especificidades territoriais das áreas de remanescentes de quilombos. A Fundação Palmares, juntamente com o INCRA, atua na causa quilombola legalmente. Conforme o artigo 2º do Decreto 4887/2003, “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

Quando Cristina Almeida, superintendente do INCRA em Macapá na época, chegou ao Mel da Pedreira, a pedido dos moradores do Mel da Pedreira, após ouvirem a respeito do programa, ela trouxe consigo dois advogados e propôs a eles o auto reconhecimento enquanto comunidade quilombola, o que foi aceito unanimemente. O primeiro passo para a titulação havia sido dado no ano de 2005. De acordo com as normas do INCRA, as etapas para a

regularização envolvem desde o estudo da área e demarcação da terra, a desapropriação das partes privadas, laudos antropológicos e, por último, o título de propriedade coletiva para a comunidade. Mas é necessário ressaltar que nada pode ser feito até que a comunidade se reconheça quilombola, ou melhor, queira passar pelo processo de descobrir se é, de fato, quilombola. Como já mencionado anteriormente, um representante do INCRA vai até o quilombo, apresenta o projeto governamental, e se os moradores concordarem, inicia-se um processo de recolhimento de dados que serão avaliados pela Fundação Palmares, que é encarregada de emitir o certificado quilombola, seguindo normas determinadas pela própria fundação.

Em seguida, o quilombo foi avaliado por antropólogos do INCRA, que se mostraram positivos em todo o processo de investigação histórica e étnica. Mas, algo foi percebido por parte dos quilombolas quando o assunto começou a percorrer as esferas da vida religiosa no quilombo. Seu Alexandre, que estava encarregado de fornecer aos antropólogos todos os dados necessários para a continuidade do processo me contou o diálogo interessantíssimo e tenso que aconteceu entre eles:

Aí esses dois antropólogos olharam um para o outro assim e sorriram. Eu me liguei que tinha alguma coisa aí para ser descascada. “Tem alguma objeção? Eu perguntei para eles. Eles falaram: “É, senhor Alexandre, tem sim. Quando vocês aderiram para vocês a vida cristã evangélica vocês perderam a identidade Quilombola. Daí eu pedi misericórdia para Deus. Eu por dentro: “Que o senhor tenha misericórdia de mim”. Aí eles terminaram de falar, eu estava com o braço bem assim em cima dessa mesa e falei em primeiro lugar eu quero dizer para vocês que a gente foi agraciado com a democracia no país brasileiro, isso é verdade e vocês sabem mais que eu porque vocês são professores, e eu não sou nada, que a democracia é a liberdade de expressão. Eles: “É verdade, senhor Alexandre”. Eu falei: “É o direito de ir e vir, ou seja,

comparando com os atributos de Deus é o livre arbítrio”. Eles disseram: “É verdade”. “Olha ainda tem outra coisa nessa transformação: essa mudança de passar a ser evangélico se dá no nosso interior e não no exterior, a prova está aqui no meu braço nessa mesa, vocês estão vendo que a minha pele não mudou. É a mesma, não é? As minhas características também não mudaram, nasal, labial não mudaram nada, não é? Então, lá no movimento negro nós temos espíritos do candomblé, nós temos Hip-Hop, católicos, enfim e o que vocês acham, eu como evangélico, eu como pessoa, não devo escolher o que eu quero para a minha vida espiritual? E eles sacudiram a cabeça, pegaram a caneta e escreveram. Graças a Deus.

Assim, em Abril de 2007, exatamente dois anos após o início do processo, a comunidade quilombola Mel da Pedreira recebeu o título que garante a terra aos moradores do quilombo. É visível entre eles a importância dada a essa conquista. Antes, à mercê de posseiros, tinham o apego à terra, sentiam-se emocionalmente ligados a ela, mas a titulação trouxe a segurança perante a lei, além do reconhecimento que a terra é, de fato, deles.

Mas, voltando ao diálogo travado entre os antropólogos do INCRA e Seu Alexandre, acredito ser necessário pensar mais profundamente sobre as questões subjacentes a essa conversa. Afinal, um dos pontos fundamentais para o reconhecimento de uma comunidade quilombola é a preservação de sua identidade cultural. Interessantemente, quilombos que são assumidamente católicos não parecem receber qualquer tipo de questionamento por esse ser não apenas o esperado mas, talvez exatamente por isso, por ser a tradição da grande maioria dos grupos em questão. A conversão do quilombo ao protestantismo de matriz presbiteriana é o elemento de diferenciação que confere um caráter singular, e que gera o questionamento sobre a constituição de sua identidade.

O paralelo entre o Mel da Pedreira com os quilombos que professam a fé católica e que, inevitavelmente, vem à minha mente enquanto penso nessas questões é o seguinte: o Catolicismo para as comunidades quilombolas é uma

religião tão externa à cultura africana quanto o Protestantismo o é para a comunidade presbiteriana em estudo.

Em minhas visitas aos quilombos vizinhos da região da Pedreira observei, após as entrevistas realizadas, que todas as comunidades afirmam ser o catolicismo a religião oficial praticada entre eles. Em todas indaguei acerca de práticas ligadas a religiões de matriz africana. Em todas obtive a mesma resposta: não. Em apenas uma entrevista foi mencionado um exemplo atual de incorporação de encantados, prática ligada também às manifestações religiosas amazônicas.

Com isto não estou afirmando que tais manifestações religiosas não acontecem em muitos quilombos, mas que mesmo que aconteçam, o discurso do pertencimento à tradição católica como religião oficial é claro e firme. Sem dúvida existe a presença de elementos tanto de religião de matriz africana, quanto das manifestações próprias da Amazônia, mas o que está em discussão não é a presença ou a ausência desses elementos, e sim quais elementos a própria comunidade seleciona como importantes na construção de sua identidade.

Ao contrário do Catolicismo trazido para o Brasil com a colonização e que cresceu com a sociedade nacional que surgiu a partir dessa construção, aos africanos trazidos para cá tratou-se de uma imposição religiosa na maioria dos casos. Imposição esta que gerou camuflagens conhecidas por todos nós como forma de resistência e tentativa de preservar uma raiz religiosa que tinha como base a religiosidade de matriz africana. Mesmo que, com o passar das décadas a fé católica tenha sido abraçada pelos afrodescendentes em diálogo com suas tradições africanas, este não deixa de ser um movimento tão de fora para dentro quanto se falarmos de uma conversão ao protestantismo.

Também de forma alguma estou questionando o trabalho dos antropólogos responsáveis por esse processo especificamente. Na realidade, interpreto a conversa transcrita acima como um caso natural de polifonia que

acontece nos meandros da pesquisa de campo e dos pressupostos metodológicos e conceituais trazidos pelo antropólogo responsável pela investigação. De um lado, existe uma preocupação válida por parte das organizações responsáveis por definir os critérios adequados para o reconhecimento acurado das comunidades quilombolas e, de outro, a voz dos quilombolas que, carregados de história, tradição e escolhas feitas no passado, tentam formar uma identidade que precisa unir a relação com a terra, com a herança cultural e histórica enquanto remanescentes de escravizados e a conversão religiosa a uma fé protestante e que rompe com o esperado deles enquanto mantenedores de sua cultura.

Diante de tal empasse, a resposta de Seu Alexandre desafia os pressupostos antropológicos trazidos à mesa. Se o ponto é ser remanescente de escravizados, a negação da religiosidade do passado não elimina o fato principal da questão e que é fortemente defendida pelos órgãos políticos: a troca religiosa não anula a cor da pele ou as marcas de um passado injustiçado.

Hall (2006, p.73) afirma que, “as identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes”. Este ponto é crucial para o entendimento da identidade étnica formada no quilombo Mel da Pedreira: a identidade do grupo enquanto comunidade quilombola me pareceu mais forte, visível e presente do que a identidade nacional. Ser quilombola torna-se mais palpável do que ser brasileiro. No entanto, não é apenas o ser quilombola. A identidade não passa pelos outros grupos quilombolas ou comunidades afrodescendentes, mas pela terra que é deles por direito e por laços de sangue, ou seja, laços familiares. O discurso apresentado e escolhido como o retrato de definição do grupo é a terra através do laço familiar e a identidade protestante, sobre a qual falarei no próximo capítulo.

A identidade com a terra, pelos laços familiares me parece, portanto, a mais antiga e enraizada no quilombo de forma alguma está excluído do processo de globalização e, justamente por isso, elabora sua identidade de acordo com as novas formulações de conceitos étnicos. Hall (2006, p.79-80) continua:

Por outro lado, as sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais e ocidentais e, agora, mais do que nunca. A ideia de que esses lugares são “fechados” – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a “alteridade”: “uma fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como ‘puros’ e seus lugares exóticos apenas como ‘intocados’. Entretanto, as evidências sugerem que a globalização está tendo efeitos em toda a parte, incluindo o Ocidente, e a “periferia” também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual.

A posse definitiva e legalizada da terra para os quilombolas do Mel da Pedreira é, para além das questões políticas e conceituais, a garantia que sua história, seus símbolos e raízes serão preservados e respeitados. Como bem afirmou Borges Pereira (1994, p.78), quando falou sobre o tombamento dos candomblés na Bahia, mas com aplicação coerente à discussão presente:

O que importa é que se encontrou recurso legal para poder se preservar um espaço, um território na vida urbana para um grupo que tem sido historicamente espoliado em suas conquistas sociais.

Ao ser titulado, o quilombo naturalmente atraiu moradores que, antes na cidade, desejaram voltar e firmar residência nas terras do mel. Isso ocorre, às vezes, não de forma definitiva, pois alguns ainda continuam voltando a Macapá para trabalho e estudos, mas definitivamente pode-se afirmar que a segurança

da terra proporcionou esse movimento de retorno. Segundo um dos líderes, o retorno dos familiares ainda não foi maior porque muitos gostariam de construir casas de passeio e, para tanto, querem construir perto dos igarapés, o que é proibido pelas leis que regulam as normas do Código Florestal. Os líderes da associação do Mel da Pedreira procuram observar criteriosamente tais leis e as enforçam com firmeza.

Um outro impedimento para o retorno de alguns é a falta de oportunidades de trabalho no quilombo. Com a nova Casa de Farinha esse quadro tem mudado e o interesse de retornar ao quilombo tem aumentado. Mas, o fator que me pareceu o mais determinante nesta questão foi o acordo com a Caixa Econômica Federal através do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR). Serão 42 casas a princípio e muitos familiares que hoje moram na cidade já se integraram ao programa e compraram suas casas. Em entrevista com o presidente da associação, pude esclarecer dúvida minhas e também ouvir sobre os objetivos com relação a tal mudança. Quanto a esta questão eu tinha basicamente duas perguntas. A primeira era o porquê dos moradores terem aderido ao programa de casas. A esta pergunta, Dionatan respondeu dizendo que seria uma forma determinante para que outros passassem a morar no quilombo, não só pelo fato de ser a terra deles por direito, mas, principalmente, porque através do aumento da população residente no quilombo eles poderiam reforçar a guarda da terra contra possíveis invasões. Pelo que foi dito, mesmo com a titulação, o quilombo não é totalmente isento da possibilidade de invasão por posseiros.

A segunda pergunta tinha relação com as mudanças que eles antecipavam com o aumento da população do quilombo. Afinal, com mais casas e moradores novos, alguns deles que não cresceram na cidade e estão habituados à realidade urbana, a vida no quilombo passará inevitavelmente por uma transformação. As moradias serão construídas próximas umas das outras, dando uma aparência e estrutura de bairro ao local, enquanto a distribuição atual deixa um espaço muito amplo entre as casas.

A visão do futuro que me sobreveio ao ouvir sobre os novos planos me fez lembrar de outra entrevista que fiz, umas das mais pontuais para o entendimento da vida no quilombo, com o cantor quilombola, neto do patriarca, Zé Miguel, um dos criadores da Festa dos Tambores. Na minha segunda viagem a Macapá tive o prazer de entrevistá-lo por mais de uma hora. Numa conversa extremamente agradável na orla das águas do Amazonas, ele me contou que cresceu no quilombo e acompanhou a transformação religiosa que aconteceu lá. Contou-me sobre a conversão no quilombo e mostrou orgulho pelas raízes familiares. Falou também sobre a época em que foi secretário da cultura no Estado do Amapá e das dificuldades desse período, especialmente por causa dos recursos limitados para uma grande demanda por parte de vários grupos religiosos e culturais que buscavam a ajuda do governo. Enquanto conversávamos várias pessoas pararam para cumprimentá-lo, um cidadão emocionou-se dizendo que havia cantado a música “Vida Boa”, de autoria do cantor, em Belo Horizonte e como aquele, na verdade, deveria ser o hino do estado. No capítulo seguinte falarei sobre os aspectos religiosos da minha conversa com o cantor, mas agora gostaria de chamar atenção para sua descrição do que seria a vida no quilombo. Transcrevo abaixo, a letra da música:

Vida Boa

O dia nos chega toda manhã
Com nuvens de fogo pintando o céu
Um ventinho frio sopra sim e assim
Vez em quando se escuta o canto do Japiim.
A canoa balança bem devagar
A maré vazou, encheu, é preamar, eh
O Zé vai pro mato apanhar açai
Maria pra roça vai capinar
A vida daqui é assim devagar
Precisa mais nada não pra atrapalhar
Basta o céu, o sol, o rio e o ar.
E um pirão de açai com tamuatá.
Que vida boa sumano
Nós não tem nem que fazer planos
E assim vão passando os anos

Eita! Que vida boa
Que vida boa suprimo
Nós só tem que fazer menino
E assim vão passando os anos
Eita! Que vida boa
Que vida boa
Que vida boa
Que vida boa lê lê!
Que vida boa
Que vida boa suprimo
Que vida boa sumano
Que vida boa

Alguns detalhes presentes na letra da música chamam atenção. O cenário é construído para o ouvinte é o primeiro deles. Há um céu que é percebido ao amanhecer e as nuvens são de fogo. O Fogo é um dos elementos mais representativos, tanto na cultura local quanto no culto do quilombo do Mel da Pedreira, como veremos mais adiante. Sendo assim, a meu ver, uma referência não gratuita, mas significativa na representação daquilo que os deixa vislumbrados. O vento aparece na forma de diminutivo, dando a ideia de um movimento suave e lento. A construção semântica sobre o “devagar” continua nos versos seguintes: “Vez em quando se escuta o canto do Japiim/A canoa balança bem devagar”. Vez em quando é uma expressão que contribui para a sensação de que a vida no quilombo é lenta. A canoa balança no mesmo ritmo, sem pressa, calmamente atravessando as águas. Mais adiante ele repete a ideia, mas dessa vez de forma clara: A vida aqui é assim devagar. Em nenhum momento eu tive a impressão de que, para eles, deveria ser diferente. Existe um contentamento profundo no ritmo lento, na vida devagar quilombola: “Precisa mais nada, não, pra atrapalhar”.

O que é necessário para que a vida seja boa é: a natureza (o céu, o sol, o rio e o ar), o alimento (pirão de açaí com tamuatá, que é um tipo de peixe) e reproduzir (“fazer menino”). A vida no quilombo dispensa planos ou preocupações típicas de um contexto urbano.

Outro aspecto importante na valorização do viver quilombola é a oportunidade de cultivar a terra. Nas palavras de um dos líderes:

É um privilégio pra gente poder trabalhar na terra, tirar nosso sustento da terra... Algumas pessoas ainda não atinaram para o fato que este lugar é um lugar de futuro pra gente. O nosso estado tinha um mito de dizer que nada dava aqui, essa terra não presta pra plantar. Tem um cântico que diz “o chão só dá se a gente plantar”. Esse lugar é uma dávida de Deus que nós ganhamos eu morro e não saio daqui. Lugar muito bom de se viver, tranquilo. Você não depende de polícia, dorme de janela aberta... eu gosto de deitar e dormir. Na cidade isso não é possível. Aqui você não tem som exageradamente alto, quanto tem um som é de músicas evangélicas, aqui não tem bebidas alcoólicas, nem drogas. Então, quer uma vida melhor do que essa?

No final da entrevista, Zé Miguel me falou de sua preocupação com os novos rumos da comunidade e se, de alguma forma, as mudanças que estão acontecendo no quilombo em decorrência do envolvimento mais próximo com os programas do governo e ONGs, irão colocar em risco o viver quilombola caracterizado pela tranquilidade descritas por eles mesmos. O presidente da associação do quilombo se mostrou consciente de todas essas questões, mas, ainda assim, acredita que é hora do quilombo se emancipar alargando suas fronteiras culturais e, por que não dizer religiosas, uma vez que acolher novos membros ao quilombo poderá influenciar na própria identidade presbiteriana do grupo. Tal foco nessas ações me levam a concluir que a identidade e interesse por preservação do espaço da terra é uma questão não menos importante do que a religiosa, fazendo com que este seja um pilar central na construção da identidade do grupo enquanto remanescentes de escravizados e seres humanos.

2 A RELIGIÃO

2.1 A CONVERSÃO DO QUILOMBO

2.1.1 As aventuras de Seu Bráulio

Entre os moradores do Mel da Pedreira, assim como nas outras comunidades quilombolas que visitei, a tradição oral é um elemento central na construção da história de seus participantes. Uma geração vai contando à outra os fatos mais importantes, a trajetória histórica da comunidade, e através das gerações que vão compartilhando suas histórias e fazendo uma seleção dos acontecimentos narrados vai surgindo a construção de uma identidade enquanto grupo.

No Quilombo Mel da Pedreira essa tradição oral acontece, especialmente vinculada à figura de Seu Alexandre, um tipo de historiador do quilombo. Com sua mente privilegiada, lembra-se de detalhes dos diálogos e, sendo um ótimo narrador, prende a atenção do ouvinte com sua voz mansa e sorriso acolhedor. Não em poucas situações as pessoas do quilombo que eu estava entrevistando me disseram frases como: “Já perguntou isso ao Tio Alexandre?” ou “Isso é bom você ouvir de Seu Alexandre”. Há, portanto, um consenso sobre a autoridade dele como narrador da história do grupo. E é a fala de Seu Alexandre que irá sobressair no relato que apresento aqui sobre a conversão do quilombo. Mas é importante salientar que a fala de Seu Biló, primeiro convertido do quilombo e cunhado de Seu Alexandre também é pontual na construção da narrativa.

A história de vida de Seu Bráulio é curiosa, cercada de eventos extraordinários. O primeiro deles, é que chorou no ventre da mãe, o que foi mencionado mais de uma vez por Seu Alexandre durante suas entrevistas. As explicações desse fato variam mas giram em torno de um eixo comum. Teria chorado de tristeza? Já que, como indivíduo especialmente conectado ao divino, pressentia o duro curso de sua vida? Afinal, seu pai morreu quando ele tinha apenas um ano de idade e, logo depois de alguns anos, sua mãe também partiu, tendo ele sido criado por parentes próximos.

O segundo evento aconteceu quando tinha oito anos e morava com uma tia em um lugar chamado Casa Grande, ali mesmo na região. A tia pediu para que fosse dar um recado em outra casa perto de onde moravam e, ao voltar, viu-se embaixo de uma grande nuvem e, bem no centro, um relâmpago fortíssimo fez tremer a terra debaixo de seus pés. Ouviu uma música bonita cujo som não tinha ouvido antes. Saiu correndo apressado de volta para a casa de sua tia. Contou-lhe o ocorrido e ela disse: “Antônio, isso é a trombeta dos anjos!”. Seu Alexandre me contou essas histórias e concluiu: “Então, Deus se manifestava a ele de forma extraordinária”.

Seu Bráulio abraçou seu chamado desenvolvendo sua sensibilidade espiritual, incorporando encantados e ajudando, dessa forma, pessoas de sua própria comunidade e dos quilombos vizinhos. Para que os encantados chegassem, primeiramente eles acendiam um charutão feito de casca de Tauari e tocavam uma espécie de chocalho feito com miçangas dentro de uma cuia pequena. Seu Alexandre me contou detalhes do processo:

Para baixar os encantadores no meu pai tecia um cigarro que era feito na casca de uma madeira que se chama Tauari (...) e o fumo misturado com Benjoim, o pessoal usa na macumba mesmo, né? Ele é cheiroso, tipo como um incenso. Então aquela fumaça do fumo saía perfumada. Aí eles usavam Marari que vem ali dos índios. É tipo uma cabaça pequena, limpa por dentro, fura de um lado e outro aí coloca miçanga dentro e coloca um cabo de vara daqui pra lá, aperta e aí faz o movimento. Então acendia o cigarro o charutão lá, fumava e sacudia o Marari e fazia aquela chamada com assobio. Não tinha tambor, era só o Marari. Agora o povo tava ali pra receber passo, benzidura. O meu pai era muito procurado. Aí eles baixavam. Um que era o chefe dos encantadores era o Arari. Agora o que era o guardião da família era o Esmeraldo. Na minha existência até a gente receber a palavra de Deus de menino eu via aquilo lá. Meu pai foi formado por Josino e Ana Cristina [espiritualistas de quilombos vizinhos que passaram ensinamentos sobre os rituais de Pena e Maracá e organizaram as incorporações que aconteciam com Seu Bráulio espontaneamente]. Ele sentia uma frieza vindo dos pés e vinha subindo e quando chegava na mente ele esquecia. Aí o espírito era que domava. Eu tinha medo. O meu pai se dizia do bem porque ele fazia cura, passava remédio caseiro. As pessoas se sentiam bem. Aí esse

Esmeraldo, eu acho que não chegou um ano pra chegar o evangelho, pra nós, ele baixou no meu pai numa sessão que ele fez e começou a dizer que minha mãe era demais apegada a ele, porque ele era a solução dos problemas de saúde, e ele chamava ela de minha sinhá e o meu pai era árvore, que era onde eles pousavam. Aí ele baixou dizendo: minha sinhá, vocês vão nos abandonar. Minha mãe disse: “Isso jamais vai acontecer!”. “Eu vejo vocês andando numa ponte velha e quebrada mas eu vejo vocês saindo dessa ponte velha e entrando numa pista linda e quando vocês entrarem nessa pista linda vocês vão nos abandonar”. E ninguém entendia o que era isso. Depois que o evangelho chegou e a gente começou a ser discipulado a gente começou a entender os caminhos de Deus e abandonamos mesmo. O nosso inimigo maior está no mundo para roubar, matar e destruir, mas o inimigo das nossas almas nunca se manifesta dizendo que é do mal. Nunca! Ele se manifesta dizendo que é do bem, que faz o bem que é pra poder ele alcançar as pessoas.

Como é claro na fala de Seu Alexandre, os caboclos assumiam uma função primordial na espiritualidade cotidiana do quilombo. Assim como hoje alguns vêm de outras comunidades para o Mel da Pedreira para assistirem ao culto evangélico, naquela época o quilombo já era considerado uma referência forte de espiritualidade e de onde emanariam bênçãos para as pessoas carentes de um toque divino. Cada encantado tinha, portanto, sua função, sendo Esmeraldo o guardião da família, aquele que curava os quilombolas de seus males físicos.

Além da capacidade de incorporar os caboclos, Seu Bráulio também era adivinho. Acredita-se que ele era capaz de prever as pessoas que viriam buscar ajuda. Segundo os relatos, tudo acontecia exatamente como ele havia previsto.

O Catolicismo e a tradição de Pena e Maracá parecem ter convivido paralelamente durante anos sem grandes questionamentos.¹ Seu Bráulio era devoto de Santo Antônio e cantador de ladainhas. Seu Alexandre, falando sobre as ladainhas que eram cantadas por seu pai, afirma:

¹ Apesar de haver uma mudança na nomenclatura, de Batuque para Mina no Pará, pela inclusão de ritos do candomblé, nos quilombos visitados na Pedreira os termos usados pelos moradores variam entre Batuque, Macumba e Pena e Maracá. Diversos trabalhos tratam da distinção, como, por exemplo Vergolino e Silva (2003).

Eu sei uma frase. Uma frase até bonita que hoje como evangélico eu fico contemplando. É tão bonitinha aquela frase e no final eles estragam tudo, sabe? Infelizmente. A frase é assim... a frase da ladainha, né? “Ora pronobis (...), oremos ao nosso senhor Jesus Cristo, oremos em fundíssima sua graça, vos suplicamos pela embaixada do anjo, pela encarnação do vosso filho Jesus Cristo, pelos merecimentos da sua paixão e morte, chegamos à cruz da glória da ressurreição pelo mesmo Cristo, Senhor nosso. Amém”. (...) e daí vem a oferenda dessa ladainha. A ladainha que rezamos ao senhor Santo Antônio oferecemos... no caso, “oferecemos”. Quer dizer, é uma coisa assim porque biblicamente o Senhor quer... e só o senhor teu Deus adoraremos e só a ele darmos culto, né?

2.1.2 A passagem do quilombo para o protestantismo

Passados dez anos, já em 1968, algo marcante na esfera religiosa de fato aconteceu na pequena comunidade negra. Seu Biló, genro do patriarca, crescido no quilombo São Pedro dos Bois, casado com uma das filhas de Seu Bráulio e na época já era morador do quilombo Mel da Pedreira, contou-me sobre essa transformação. Ele relata que tinha curiosidade de conhecer mais sobre Deus e pedia, constantemente, para que isso acontecesse. Conversava com um padre, amigo seu, que circulava na região e tinha uma Bíblia em latim, um presente que recebera, mas ainda vivia esperando algo a mais. Um dia, ao chegar à casa de sua mãe, que morava em Macapá, viu uma Bíblia e começou a lê-la. Leu com interesse e se encantou. Voltava todos os dias para ler mais, já que a mãe não permitia que a Bíblia fosse tirada de casa, por ter sido um presente que havia recebido. Biló ia pela manhã e voltava à tarde só para ler o livro.

Nessa época, Seu Biló conheceu uma mulher chamada Estefânia. *Branca*, como frisou na conversa que tivemos. Logo ela se ofereceu para ler e explicar a Bíblia para ele. Depois de um tempo, Seu Biló quis ir a um culto. E, como Estefânia era de uma das igrejas presbiterianas em Macapá, Seu Biló, sua esposa e seu primo foram até a cidade para o culto. Ele me disse que ouviu tudo e pensou naquele momento: “Eu quero ser crente”. Então, ele resolveu dizer isso ao pastor, ali mesmo no meio do culto. No final do culto disse: “Pastor, eu

quero ser crente”. Não foi ouvido, apesar de ter repetido a frase. A situação o deixou inquieto, mas, ao contrário do que é comum nos círculos presbiterianos, o pastor perguntou no final do culto se alguém gostaria de aceitar Jesus. E, os três prontamente responderam “sim”.

Voltaram para casa e a fé de Seu Biló na crença protestante continuou crescendo. Entusiasmado, falou para o seu sogro, o patriarca do quilombo, que agora era crente. E completou: “O senhor tá vendo esse santo aí? Ele não é nada!”. Segundo o relato, Seu Bráulio saiu de lá meio bravo, mas, durante a fala de Biló, tinha um meio sorriso que encheu de esperança o coração do genro. Naquela madrugada, um dos filhos de Seu Bráulio foi pedir mais explicação sobre a nova fé e resolveram, então, chamar um pastor para fazer um culto lá no quilombo. Assim, em 1968, Áureo de Araújo, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Macapá, foi até o quilombo para fazer um culto e doze pessoas se converteram, incluindo o patriarca e sua esposa.

É importante frisar que a comunidade acredita que, naquele momento, eles começaram a andar na pista linda que o caboclo Esmeraldo havia predito.

Após este evento marcante, paulatinamente os outros membros da família começaram a seguir a fé protestante deixando não apenas o catolicismo de lado, mas também as atividades de pajelança cabocla. Se houve resistência permanente por parte de algum membro da família, o fato não foi relatado nas entrevistas. Observei, apenas, que alguns membros, atualmente, estão afastados da vida religiosa ativa da igreja, mas todos parecem ser simpatizantes do protestantismo.

Logo após a conversão do patriarca, foi de seu agrado iniciar reuniões e cultos periódicos no quilombo. Segundo Seu Alexandre, logo nesse período os membros que se reuniam no quilombo formaram uma congregação ligada à Igreja Presbiteriana do Brasil e acolhida por ela, já que o pastor que foi convidado para iniciar reuniões de discipulado no quilombo era um pastor presbiteriano. Vários pastores passaram pela comunidade ao longo dos anos e auxiliaram a pequena congregação com visitas periódicas para ministrar os atos pastorais. O responsável, no quilombo, pela organização e direção dos cultos desde o início foi Seu Alexandre, apoiado por outros líderes do quilombo que

se tornaram, paulatinamente, ligados à liderança religiosa e não apenas política do Mel da Pedreira.

2.1.3 A transição para a IPB

Após a conversão, praticamente coletiva, do quilombo, sentiu-se a necessidade de dar início a cultos regulares entre eles. Seu Osvaldinho, neto do patriarca e hoje líder responsável pela congregação, me disse que a princípio eles se reuniram no mesmo salão onde antes faziam as festas, que era na casa de Seu Bráulio. Logo após o início das atividades religiosas o local foi chamado de Ponto do Rocha e vários moradores de outros quilombos vinham para as reuniões. Desde aquela época havia um ímpeto por parte dos quilombolas do Mel da Pedreira para a evangelização de outros quilombos sendo que, logo em seguida à conversão, o grupo de oração e estudo bíblico no quilombo passou a ser congregação da Igreja Peniel, em Macapá, que é filiada à Igreja Presbiteriana do Brasil.² O termo congregação aqui está sendo usado como é bem conhecido no meio Presbiteriano, uma igreja ainda não emancipada, que funciona sob os auspícios de uma igreja “mãe” que se responsabiliza de cuidar daquela igreja filha enviando um missionário ou pastor, pelo menos mensalmente, para realizar os atos pastorais, sendo estes a santa ceia e os batismos.

Há um dado curioso, entretanto, sobre a relação entre a Igreja Peniel e a congregação do quilombo. Porque algumas famílias, originalmente do quilombo, estavam residindo em Macapá, Seu Bráulio teve a preocupação de comprar um lote onde fosse construída uma congregação para esses familiares residentes na capital, congregação essa que foi acolhida pela IPB e depois emancipada como igreja. E, justamente por isso, há sempre a fala que a Igreja Peniel, em Macapá, é a “mãe” da congregação Mel da Pedreira.

² Nota: A Igreja Presbiteriana do Brasil – IPB – é uma denominação ligada à Reforma Protestante no século XVI que teve origem na Escócia e chegou ao Brasil em 1859 com a vinda do missionário Ashbel Simonton.

2.2 A IGREJA INTERNA – CONFIGURAÇÃO COMO GRUPO RELIGIOSO

A Igreja Presbiteriana no Brasil, apesar de possuir uma herança que vem da Reforma Protestante, ocorrida na Europa, e preservar elementos que se baseiam nos documentos e declarações elaborados no século XVI, possui sua própria constituição. Em 1951, foi publicada a primeira edição do *Manual Presbiteriano*. O preâmbulo diz:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, nós, legítimos representantes da Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil, reunidos em Supremo Concílio, no ano de 1950, com poderes para reforma da Constituição, investidos de toda autoridade para cumprir as resoluções a legislatura de 1946, depositando toda nossa confiança na bênção do Deus Altíssimo e tendo em vista a promoção da paz, disciplina, unidade e esdificação do povo de Cristo, elaboramos, decretamos e promulgamos para a glória de Deus a seguinte Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil.

A frase “legítimos representantes da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB)” chama atenção discursivamente, pois coloca esse grupo em um patamar diferenciado com relação a segmentos menores que se nomeiam igualmente presbiterianos.

Sendo o Quilombo Mel da Pedreira uma congregação que está oficialmente vinculada à IPB, a estrutura externa da igreja é muito semelhante ao que seria um templo da Igreja Presbiteriana de zona rural ou cidade pequena, como já mencionei no capítulo anterior. No entanto, agora cabe falar sobre como ela funciona internamente e que semelhanças ou diferenças possui quando comparada às igrejas presbiterianas não-quilombolas.

2.2.1 Hierarquia

A hierarquia na IPB é baseada em um sistema que mescla a participação dos membros através de votos em assembleias que podem ser ordinárias ou extraordinárias e as decisões tomadas pelos grupos em liderança. Indo da instância mais local para as mais elevadas em termos hierárquicos, tem-se: os

membros, aqueles que passam pelo processo de entendimento e aceitação das doutrinas do Catecismo de Westminster e fazem sua profissão de fé publicamente tornando-se, assim, membros comungantes e com direito a voto. Podem ser admitidos ao rol de membros, pessoas de outras igrejas que apresentem carta de transferência de uma igreja reconhecidamente evangélica e que tenham recebido o batismo; o *conselho*, formado por homens que tenham sido eleitos presbíteros, “é o concílio que exerce jurisdição sobre um igreja e é composto do pastor, ou pastores, e dos presbíteros” (p. 42). O *pastor* é o Presidente do Conselho e ele é sempre o representante legal da igreja para efeitos civis; o *presbitério* “é o concílio constituído de todos os ministros e presbíteros representantes de igrejas de uma região determinada pelo sínodo e cada igreja é representada por um presbítero eleito pelo respectivo conselho (p. 46); o *sínodo* “é a assembleia de ministros e presbíteros que representam os presbitérios de uma região determinada pelo Supremo Concílio (p. 48); o *supremo concílio* “é a assembleia de deputados eleitos pelos presbíteros e o órgão de unidade de toda a Igreja Presbiteriana do Brasil, jurisdicionando igrejas e concílios que mantêm o mesmo governo, disciplina e padrão de vida”. (p. 49). O Supremo Concílio é, portanto, a instância mais elevada dentro do sistema de hierarquia presbiteriano.

Sendo essa a forma como a IPB se organiza é importante situar a congregação do quilombo em estudo nessa estrutura. Desde que foi criada, a pequena comunidade religiosa passou a ser filiada oficialmente à IPB como congregação ou ponto de pregação, que são comunidades locais que ainda não possuem o status de igreja. Três fatores que mostram estabilidade determinam essa emancipação: o número de crentes professos, os recursos pecuniários para a manutenção regular dos encargos e a existência de pessoas aptas para os cargos eletivos da comunidade.

A congregação do quilombo Mel da Pedreira possui número estável e suficiente de membros para ser emancipada, assim como tem buscado independência financeira. Com relação ao corpo de líderes para direcionarem o trabalho religioso no formato de igreja existem algumas questões a serem consideradas. Desde sua fundação, vários pastores e missionários foram designados pela igreja mãe, a Igreja Presbiteriana Peniel, de Macapá, para

prestarem assistência à congregação. De todos os que passaram por lá, foi mencionado apenas um que era de origem quilombola, o penúltimo, mas que faleceu deixando muita saudade entre eles, o que é nítido nas conversas. No momento estão sem um obreiro fixo e, portanto, recebem a visita mensal de um pastor de Macapá que ministra os atos pastorais, como a Ceia e batismos.

A IPB requer de seus pastores o curso de Bacharel em Teologia em um seminário presbiteriano (há nove seminários filiados à IPB em várias regiões do Brasil) ou que o candidato faça uma complementação de estudos se seu diploma for de uma escola outra que não da IPB. Em casos excepcionais o presbitério poderá aceitar o diploma de outra escola, desde que esta seja de acordo com a grade curricular dos seminários presbiterianos. Os aspirantes ao ministério pastoral, após um período de um a três anos de licenciamento, participam, então, de um processo que envolve a apresentação de uma monografia, uma exegese, a pregação de um sermão e exames orais.

No quilombo, o presbítero responsável pela congregação é Seu Osvaldinho, como é conhecido por todos. Ele dirige a liturgia dos cultos, prega sermões e responde pelo grupo perante a igreja mãe. Seu Alexandre também é presbítero, mas em disponibilidade, apesar de participar ativamente dos momentos de cânticos e também fazer pregações. No momento, eles aguardam uma definição quanto ao pastor que assumirá a congregação.

Além da hierarquia ligada à IPB e seu sistema de regimento, existe uma hierarquia interna no quilombo que gostaria de destacar. Em primeiro lugar, é importante entender que as lideranças política e religiosa do quilombo interagem, mas são, até certo ponto, separadas. O responsável político pelo quilombo é o presidente da Associação de Moradores do Quilombo Mel da Pedreira e, juntamente com ele, o secretário e o tesoureiro. No entanto, percebi grande respeito por parte das novas gerações pelos mais velhos e suas opiniões, e é importante salientar que a figura do patriarca ainda existe. Atualmente trata-se de Seu Cardoso, o mais velho dos filhos de Seu Bráulio. Existe, assim, o patriarca, que eu chamaria de liderança histórica, a liderança religiosa e a liderança política. Todas representadas por diferentes membros do quilombo, mas que buscam trabalhar em conjunto.

2.2.2 Forma de culto

Como mencionado no capítulo anterior, a forma de culto na congregação apresentou variações perceptíveis no período entre minha primeira e última visita. A sequência da ordem do culto não sofreu alteração. Em um culto matutino de domingo tem-se uma abertura com a leitura de uma passagem bíblica pelo presbítero Osvaldinho, seguida de uma oração feita por um dos congregantes a pedido do dirigente. Logo em seguida são dados alguns avisos e saudações aos visitantes. Há, também, o período de louvor, como chamam. Trata-se de um momento que dura aproximadamente vinte minutos e envolve instrumentos musicais como guitarra, violão, baixo elétrico, bateria e tambores (presentes no culto nesta última visita). Como em outras igrejas, os instrumentistas estão de frente para os ouvintes e na parte superior do ambiente de púlpito, em uma plataforma.

Nos cultos do quilombo é usado o hinário presbiteriano Novo Cântico, uma versão adaptada do *Salmos & Hinos*. Segundo Mendonça (1995, p.193):

Salmos & Hinos representava, no fim do século XIX, uma coletânea de cânticos que englobava os hinários que foram aparecendo desde o início do estabelecimento institucional do protestantismo no Brasil, isto é, em 1855. Representava também, e isto é bastante significativo, o repertório comum de cânticos religiosos da maioria absoluta dos protestantes no Brasil. Congregacionais e presbiterianos continuam a usá-lo até hoje (...).

Mendonça argumenta que esse hinário atendeu a denominações de várias tradições teológicas e que é uma tradução da teologia e vivência religiosa do protestantismo típico norte-americano e ainda aponta que a teologia explícita desses hinos resume-se em: “o amor de Deus por todos os homens pecadores, o perdão gracioso pela aceitação, através da fé, do sacrifício expiatório de Cristo, a vida renegada visível na ética mundana e a expectativa da vida eterna no céu” (Mendonça, 1995, p.190).

Esses temas são presentes na liturgia no quilombo, assim como a tentativa de se defender contra o mundanismo ou caminhos que possam levar a um afastamento do rebanho.

Existe uma diferença entre o repertório de um culto semanal à noite e um culto dominical matutino ou vespertino em ocasiões especiais, como o culto da sexta-feira da Paixão, por exemplo. No culto semanal, que acontece às quartas-feiras, não há a presença de todos os instrumentistas. Os cânticos podem ser entoados à capela e quase todos são retirados do hinário presbiteriano. As poucas exceções foram hinos evangélicos antigos.

Já nos cultos de domingo, quase não se usa o hinário. Os cânticos são uma mistura de músicas evangélicas contemporâneas e corinhos que me pareceram típicos do contexto pentecostal. Um exemplo seria “A Olaria de Deus”. A letra diz:

Os homens vão ter que descer à olaria de Deus (2x)
Desce com teu vaso velho e quebrado
Sobe com teu vaso novo e renovado. (2x)
As mulheres vão ter que descer...
Os jovens vão ter que descer...
As crianças vão ter que descer...
A igreja vai ter que descer...

Eles cantam essa música com muito entusiasmo, executando uma coreografia. Começam a cantar batendo palmas e quando falam: “Desce com teu vaso velho e quebrado...” se abaixam balançando os quadris de um lado para o outro. A diferença desta última vez para as demais foi que, aparentemente, um dos homens da congregação foi eleito o líder oficial da coreografia e ele, muito animadamente, conduz os participantes na dança.

É interessante notar o que a letra da música comunica no contexto quilombola. A analogia bíblica de Deus como o oleiro e seus servos como os vasos é baseada nos livros proféticos, particularmente o Livro de Isaías: “Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai, nós somos o barro, e tu o nosso oleiro; e todos nós somos obras das tuas mãos.” (Isaías 64:8). Ao afirmar que todos que fazem parte da igreja terão que descer à olaria de Deus, existe um sentimento de desejo por humildade. É um pedido que envolve abnegação e mortificação dos desejos contrários aos divinos. A imagem do vaso quebrado remete a esta transformação que ocorre na vida do crente que se submete à vontade de Deus.

Algo a ser dito sobre os cânticos é que das duas primeiras visitas ao quilombo, observei que as letras dos cânticos do culto eram, de alguma forma, relacionadas aos temas de interesse dos quilombolas. Um deles fala sobre a libertação do povo do Egito, por exemplo.

Projeto no Deserto
Um povo em pleno deserto
A nuvem estava por perto
Não tinham fome nem sede
Pois Deus estava com eles
Um povo em pleno deserto
E não havia doentes
Maná que vinha do céu
Mata a fome daquele gente
Que Deus é esse?
Que está por perto?
Que fez o seu projeto no deserto.

Outro cântico diz: “Se a gente não plantar o chão não dá”, fazendo uma analogia à necessidade da prática de boas obras. Desta última vez, além da mudança clara pela introdução dos tambores e participação entusiasmada da congregação, as letras das músicas tinham um foco em um tema que me chamou a atenção: o fogo. Vários cânticos apresentaram referência ao fogo do Espírito Santo como algo que é desejado e que dá poder para vencer as lutas e dificuldades da vida cristã. Essa ênfase apareceu não apenas nos cânticos, como também nas palavras que foram ditas durante o culto. Sobre isso, conversando com Dionatan Souza, entendi melhor o papel que o “fogo do Espírito Santo” exerce na concepção religiosa que está sendo incorporada à liturgia no quilombo. Voltarei a esse ponto mais adiante.

Logo após esse período, há o momento de ofertas que acontece ao som de um dos cânticos e os diáconos passam com uma sacola de tecido recolhendo as dádivas. Soube que fazem ofertas não apenas de dinheiro, mas quando colhem os frutos da terra também dão as primícias para o pastor.

Em seguida acontece o sermão que não segue uma estrutura tradicional presbiteriana necessariamente. Ao invés de uma fala teológica temática, o pregador lê uma passagem bíblica e tece vários comentários sobre ela fazendo

aplicações com a vida e cotidiano dos quilombolas. Da última vez que estive no quilombo percebi uma mudança da pregação. Os líderes mais antigos na congregação não mudaram seu estilo de sermão. Mas, havia um pregador visitante da igreja Assembleia de Deus que tem frequentado os cultos no Mel da Pedreira e seu estilo era muito intenso com gritos e perguntas que faziam os ouvintes responderem com bastante entusiasmo.

Na tradição presbiteriana acontece, aos domingos pela manhã, logo após o culto, o que é chamado de Escola Bíblica Dominical: a divisão dos membros e congregados em salas de aula onde receberão ensinamentos a respeito da Bíblia e das doutrinas da igreja. No Mel da Pedreira, a estrutura de EBD é seguida integralmente. As crianças vão para suas salas antes do sermão e se dividem de acordo com a faixa etária. Lá, recebem lições bíblicas adequadas a elas. A pessoa responsável por esse departamento é um membro da igreja que é pedagoga e são usadas revistas próprias para esse momento. Nessas revistas, o professor tem um tema para ser abordado a cada domingo. A Escola Dominical no quilombo Mel da Pedreira divide seus congregados e membros nas seguintes classes: crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Existem também as Sociedades Internas, forma criada pela IPB para subdividir a igreja local em departamentos por faixa etária ou gênero. As sociedades internas são as uniões de: crianças, adolescentes, jovens, mulheres (Sociedade das Auxiliadoras Femininas – SAF) e homens. O quilombo segue o mesmo modelo.

Os ritos praticados na comunidade também seguem o modelo presbiteriano: a santa ceia, a comunhão entre os crentes pelo partilhar do pão e do vinho, representações do sangue e do corpo de Cristo e o batismo por aspersão, tanto em crianças quanto em adultos. Os dois ritos são realizados por um pastor que vem de Macapá para essa finalidade.

2.3 OUTRAS FORMAS DE PROTESTANTISMO NO MEL DA PEDREIRA

Zé Miguel, do qual já falei no primeiro capítulo, filho do quilombo e cantor renomado na região, expressou seu interesse e apego ao tema “religião”,

principalmente depois de uma experiência dolorosa que foi a perda de seu filho. Nessa época se envolveu mais profundamente com o Espiritismo e sobre sua trajetória religiosa fala:

Eu vi esse processo religioso se instalar na minha comunidade e passei a fazer parte dele, mas nunca tive muito envolvimento mais direto, espiritual mesmo, mas eu estava lá. Eu acho que eu sempre estive muito próximo de Deus, buscando sempre manter vários princípios, sempre me pautei muito na questão da religiosidade e quando me perguntavam: “Qual é a tua religião?” Eu dizia: “Cara, eu sou cristão” (...) a própria Bíblia diz que religião não salva ninguém (...) o que salva é a tua relação com Deus. E a religião é um processo de facilitação, de manutenção, de fortalecimento da tua questão espiritual, mas recentemente, quer dizer de 2005 pra cá eu comecei a ter uma busca mais intensa desse cara chamado Deus, de compreendê-lo e de estar mais próximo dele (...) Fiquei um tempão frequentando a doutrina Espírita, tenho o maior carinho porque aprendi um monte de coisa com eles, entendeu? E é uma doutrina que é muito discriminada por falta de compreensão porque as pessoas não entendem e comparam com a macumba e como já discriminam a macumba, o candoblé, já acham que é a mesma coisa. Então há um processo de desinformação que é mantido por algumas entidade religiosas (...) alguns evangélicos, alguns católicos. Eu já vi um padre em televisão nacional falando do Espiritismo como se fosse o Candomblé (...) e não é falta de informação. É manobra mesmo. Eu não concordo. Mas, recentemente, essa minha busca por Deus ela se afunilou e eu me reconciliei com Deus e estou me congregando numa igreja. A Igreja Quadrangular.

O pastor dessa igreja também é artista e, segundo Zé Miguel, sempre o deixou à vontade e isso foi muito favorável à permanência dele na congregação. Em uma das reuniões, o pastor perguntou se havia alguém ali que não tinha certeza de salvação eterna e se gostaria de receber uma oração e Zé Miguel aceitou o convite.

Percebo que a figura de Zé Miguel é de grande respeito no meio da comunidade e todos admiram suas habilidades musicais. O caminho escolhido por ele, entretanto, para sua espiritualidade pessoal parece ter sido diferente da maioria, que percorreu o caminho presbiteriano, adotando o protestantismo em

sua forma mais tradicional, ou simplesmente parando de frequentar a igreja, mas mantendo bom relacionamento e diálogo com ela, ao contrário de terem optado por outro grupo religioso.

Existe uma outra exceção e é do atual presidente da Associação dos Moradores do Quilombo Mel da Pedreira: Dionatan Souza, filho do quilombo, mas criado em Macapá. Desde cedo ele foi levado, por um de seus parentes, à igreja das Assembleias de Deus. É importante evidenciar as diferenças entre os dois segmentos religiosos. Enquanto a Igreja Presbiteriana do Brasil baseia-se na tradição protestante, fortemente vinculada à figura de Calvino e adotando os pilares dessa linha de pensamento, as igrejas das Assembleias de Deus, apesar de igualmente protestantes, seguem uma tradição americana centrada em manifestações espirituais ligadas ao Pentecostalismo, que tem uma ênfase nos dons carismáticos que estariam registrados no livro bíblico Atos dos Apóstolos, como o orar em línguas, às vezes desconhecidas da própria pessoa que está falando, os dons de cura miraculosa, de profecia, entre outras manifestações.

Existe uma outra diferença fundamental entre as duas tradições no que diz respeito à liturgia. A Igreja Presbiteriana do Brasil adota uma ordem de culto que pode ser traçada desde as primeiras décadas após a Reforma Protestante, tanto em se tratando de hinos cantados ao som do órgão ou do piano, quanto à ordem do culto, sempre muito tradicional, com mínima interação e participação dos membros no culto a não ser quando são pedidos para fazerem oração, nas leituras bíblicas em conjunto e nos cânticos e hinos. Os líderes da igreja, sempre homens, são os responsáveis pela direção da liturgia.

Já nas igrejas de tradição pentecostal, existe uma interação forte entre os participantes do culto e o dirigente, que não precisa, necessariamente, ser um pastor ou alguém da liderança da igreja. As pessoas presentes no culto têm a liberdade de falar em resposta ao que está sendo dito pelo líder. Durante o culto são comuns dizeres como: “amém”, “glória a Deus”, “fala, Jeová”, entre outros, que são uma confirmação ao que está sendo dito pelo dirigente por parte dos ouvintes. Outra diferença é que tais cultos são conhecidos como “avivados” ou “do fogo”, enquanto os cultos presbiterianos são tidos como frios e “sem a ação do Espírito Santo” por muitos pentecostais. Estas percepções, que perpassam o

pentecostalismo em geral, foram refletidas também em entrevistas no próprio quilombo.

O diálogo entre o Pentecostalismo e o Presbiterianismo é significativo na configuração da religiosidade própria do Mel da Pedreira. Quando estive no quilombo pela primeira vez, observei uma estrutura bem semelhante a congregações de cidade pequena. Não podia-se dizer que era uma liturgia tradicionalmente presbiteriana tomando como parâmetro as igrejas dos grandes centros. Não havia piano ou órgão, não se cantavam apenas hinos, mas também cânticos evangélicos antigos, porém a participação dos membros na liturgia era a mesma de qualquer igreja presbiteriana: na hora das leituras bíblicas e nas músicas cantadas. Também não vi tambores durante o culto. Os instrumentos eram violões, contrabaixo elétrico, bateria e alguns instrumentos de percussão como pandeiro, por exemplo.

Na minha segunda visita, os momentos de culto foram semelhantes aos presenciados na primeira vez. No entanto, em entrevistas com as pessoas mais envolvidas na parte musical da igreja, entendi que havia uma tentativa de restaurar os tambores e introduzir o ritmo marabaixo na comunidade com letras de temática evangélica, mas não no culto. Eles estavam ensaiando para uma apresentação da Festa dos Tambores, que acontece no dia 20 de novembro de todo ano por ocasião da Consciência Negra e reúne vários quilombos para apresentações culturais e artísticas. Uma das entrevistadas me disse que havia uma certa resistência por parte de alguns, mas que aos poucos eles estavam tentando convencer os participantes da igreja a importância de reintroduzir os tambores como forma de redimir o passado histórico deles e também pela consciência de que aquela era uma forma natural para eles, enquanto negros, de manifestação musical e artística.

Desta última vez, fiquei surpresa com as mudanças que observei liturgicamente, pois foram pontuais e aconteceram em pouco tempo. O primeiro culto do qual participei foi na Sexta-feira da Paixão de Cristo, por ocasião das comemorações da Semana da Páscoa. Quando o culto começou logo senti que havia algo diferente do que havia presenciado das vezes anteriores. Primeiramente, os participantes do culto estavam visivelmente mais entusiasmados e participativos. O dirigente dizia algo e havia uma resposta

imediateza por parte de alguns. Algo que me lembrou os cultos pentecostais norte-americanos. Havia uma interação de quem realmente está entre família, com risadas e comentários sobre os anúncios que estavam sendo dados no início do culto. Senti um clima de muita alegria e espontaneidade entre eles, mas definitivamente algo que se distancia de um culto presbiteriano tradicional. Quando o grupo musical começou a tocar, também observei uma mudança, pois as músicas cantadas eram ritmadas e com a presença dos tambores. O repertório foi uma seleção de cânticos evangélicos contemporâneos e alguns mais antigos. A este ponto retornarei no próximo capítulo mais detalhadamente.

3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

1.1 PROTESTANTISMO, SINCRETISMO E EXPERIÊNCIA MÍSTICA NA VISÃO QUILOMBOLA

1.1.1 A religiosidade tradicional no Mel da Pedreira e seu entorno

Na outra margem do rio há um quilombo chamado São Pedro dos Bois e esse é um quilombo que merece atenção neste trabalho, pois mantém proximidade e relações de parentesco com os moradores do quilombo do Mel. Afinal, Seu Bráulio morou lá antes de começar a vida do outro lado do rio e existem muitos parentes entre eles e também alguns casamentos que aconteceram posteriormente por meio dessa relação. É bem maior do que o quilombo do Mel, contando hoje com mais de duzentos moradores, e tem uma história interessante, pois diz-se que antes ali era um matriarcado. Dona Raimunda, uma das matriarcas, apreciava a tradição do Batuque, e segundo minhas fontes, no quilombo ainda existem benzedeiros, manifestações de Pena e Maracá e Batuque.

A proximidade entre os quilombos possibilitou que escorresse, também para lá, a pregação protestante quando esta chegou no quilombo do mel. Sendo o primeiro convertido do Mel da Pedreira um homem de grande entusiasmo e habilidades de comunicação, outros foram atraídos para o movimento que estava acontecendo no quilombo. Seu Gurjel, líder dos rituais de Batuque em São Pedro dos Bois, também se converteu à fé protestante e se juntou ao grupo interessado nas doutrinas presbiterianas.

Contou-me um de seus netos que Seu Gurjel, quando iniciou no caminho da espiritualidade, leu o *Livro de São Cipriano* e executou algumas rezas. O propósito maior das rezas era autodefesa, pois ele desejava algo que o protegesse, a ele e a sua lavoura. Inclusive ele conta que certa vez a lavoura de todos foi arruinada, menos a dele. Nos relatos, foi estabelecida uma correlação entre a leitura do livro, a execução dos feitiços contidos nele, e a sanidade mental do leitor/praticante. Seu Gurjel afirma que por causa de sua “mente tranquila”, essas leituras e práticas não o atingiram ou comprometeram suas

faculdades mentais, ao contrário do que aconteceu com outro morador do quilombo de São Pedro dos Bois, que acabou sendo “levado pelos espíritos”, segundo o relato da irmã da vítima. Ela me contou que sua mãe tinha envolvimento com os espíritos e que o irmão dela começou a sentir perturbações após ler o Livro de São Cipriano e isso teria aproximado os encantados dele ao ponto de provocarem sua morte em um acidente.

Segundo meus entrevistados, São Pedro dos Bois é um lugar onde coisas “estranhas” aconteciam com frequência. Ouvi relatos de aparições, de transformação de uma mulher na cabeça de fogo, fenômeno marcante na região, ao qual voltarei em breve, e histórias de pessoas que foram encantadas. Uma delas chama a atenção não simplesmente por ser uma história exótica, mas por revelar a crença que, muito perto do quilombo Mel da Pedreira, manifestações espirituais estavam acontecendo.

Uma das histórias mais marcantes que ouvi foi relatada pelo líder de São Pedro dos Bois, que me contou sobre uma prima sua:

Ela vinha de uma casa, de um terreno há uns dois quilômetros daqui. Ela era filha do pajé desse Pena e Maracá e ela mexia com essas coisas, matava passarinho, era do tipo sagaz. Aí ela veio por um atalho pedir farinha na casa de papai pra almoçar onze horas da manhã. Ela e a irmã dela e ela vinha jogando pedra num passarinho. E ela sumiu de repente, desapareceu e uma das pessoas foi pra uma casa de farinha falar pra o pai que a filha tinha desaparecido. “Mas eu já estou sabendo de toda a história e vocês podem ficar atentos porque eu já fiz o meu primeiro trabalho e ela vai voltar”. Aí ele foi e começou a cantar e bater penacho. Quatro horas da manhã os cachorros começaram a latir. Ela vinha subindo daqui detrás. Se pegava nela parecia que ela tinha uma baba no corpo, catingava que nem bode velho. Deram um banho nela e levaram ela pra lá e fizeram um trabalho e com o passar do tempo ela ficou ruim da cabeça e morreu. Mas antes de morrer ela contou pra gente o que tinha acontecido: que ela vinha maltratando o passarinho, de repente apareceu um homem muito bonito na frente dela e dizendo: quer fazer um passeio comigo?” Ela disse: “Quero”. Que ela era meio atrevida, né? Ele disse: “Fecha os olhos, só abre quando eu mandar”. Ela fechou os olhos, quando ele disse “senta” ela sentou. “Agora abre o olho”. Quando ela abriu ela tava sentada em cima de um rolo de cobra, era uma cobra muito

grande e ela tava sentada em cima da cobra. E o pessoal tava numa festa de batuque e trazia banana pra ela e ela só chorava, queria saber de nada. Aí o pai dela tinha dito que ela tinha sido encantada e que ela não ia comer nada porque se ela comesse ia ficar encantada para sempre. Só que depois, coincidência ou não, ela ficou ruim da cabeça e muita gente fala que acontece isso, que quem volta, morre com pouco tempo.

Outro relato é sobre uma mulher cuja cabeça se transformou em fogo. Esse fenômeno é um dos mais conhecidos na região. Diz-se que no quilombo São Pedro dos Bois uma mulher estava dormindo quando sua cabeça saiu do corpo e virou uma cabeça de fogo. Alguém virou o corpo dela na rede e, quando a cabeça voltou, se acoplou ao corpo ao contrário. Conta a narrativa que ela ficou muito mal por uma semana, pois não comia nem bebia e depois disso a cabeça saiu vagando em chamas novamente e, assim, puderam desvirar o corpo que agora estava devidamente posicionado para receptionar a cabeça.

No Mel da Pedreira alguns afirmam ter visto a cabeça de fogo. Seu Bráulio mesmo afirmou ter lutado com ela. Segundo o relato de Seu Alexandre,

Antes da gente conhecer o evangelho a gente via... eu pelo menos cheguei a presenciar assim perto de mim... mas o meu pai foi pior. Ele mariscava a noite... chegou umas 10 horas da noite, e ele via aquela tocha de fogo, veio, veio, veio, que ela cresce, ela diminui e cresce, né? Aí pousou num pé de caju que fica bem próximo da nossa casa, ele disse: “Isso é uma tentação, por que isso veio pousar aqui perto de casa?” Aí o que ele fez... ele pegou um pedaço de pau lá e soltou no rumo dela. No que caiu lá ele só viu aquela bola de fogo flechar no rumo dele assim. A casa ela era um assoalho alto, ele foi para de baixo e ela desviou assim soltando aquela faísca. Quer dizer, isso aí o meu pai presenciou, eu não lembro disso, mas ele me contou que aconteceu com ele.

Existem outro relatos de moradores do quilombo que afirmam ter visto a cabeça de fogo. A maioria, entretanto, diz nunca ter visto nada e que para ver é preciso acreditar que o fenômeno existe ou dizem que são vagalumes ou luzes de aviões.

Como percebe-se, o diálogo entre os quilombos Mel da Pedreira e São Pedro dos Bois é estreito, não somente no que diz respeito a relações familiares, mas também na semelhança dos aspectos religiosos e da experiência espiritual vivenciada entre eles. A grande diferença entre os dois quilombos é que, enquanto em São Pedro do Bois a conversão ao protestantismo se deu apenas para poucas famílias, no Mel da Pedreira houve uma conversão mais coletiva.

1.1.2 O efeito do Protestantismo sobre a religiosidade no Mel da Pedreira

Ao contrário do que aconteceu no Mel da Pedreira, em São Pedro dos Bois os ensinamentos foram repassados para aprendizes que tinham interesse em dar continuidade à tradição do Batuque. No Mel da Pedreira, Seu Antônio Bráulio parece não ter repassado seus conhecimentos adiante. O fato é curioso e revela que a receptividade de uma nova religião assume nuances e interpretações variadas, dependendo do contexto particular de cada um. Sobre isso, Seu Alexandre fala:

Ele não me passou nenhuma experiência, né? A gente... porque assim, nós presbiterianos a gente... enfrentamos essa grande escritura. No Antigo Testamento tem, eu acho, que é uma única regra de fé e prática, entendeu? Ele era ligado às escrituras. Ele tinha uma leitura pouca como eu, eu ainda estudei em escola, ele não, mas ele lia muito as escrituras. E acreditava que as escrituras, as palavras de Deus, eram revelação de Deus a nós homens.

A frase citada por Seu Alexandre é, entre os círculos presbiterianos, uma espécie de moto. A afirmação das escrituras sagradas como “única regra de fé e prática” traduz, na verdade, um dos pilares da tradição protestante: *sola scriptura*.³ Historicamente, o protestantismo rompeu com a tradição católica e, por mais que existam grupos e vertentes que busquem um diálogo entre as duas religiões, a atitude natural é que, após a conversão do catolicismo para o protestantismo aconteça um rompimento, uma negação do passado católico. Nos dois quilombos, os líderes espirituais não apenas praticavam religiões de matriz

³ Sendo os outros *sola gratia, solus Christus, sola fides e soli Deo gloria*.

africana, mas se afirmavam católicos e devotos de santos. Ao abraçarem a fé presbiteriana, houve uma exclusão das práticas religiosas de antes. Acontece aqui rompimento e negação.

A negação é não apenas do catolicismo, mas igualmente das práticas que envolviam encantados, assim como as manifestações culturais herdadas do continente negro, inclusive dos ritmos tradicionais, como o marabaixo e o toque dos tambores. Nas palavras de Seu Alexandre:

Eu louvo muito a Deus por fazer parte... sabe? Deste Ministério Presbiteriano do Brasil e do mundo, porque é um ministério muito cauteloso, muito cauteloso. Aí eu me sinto sabe como? Eu falei para vocês... eu me sinto como um dos salmos antigos da Bíblia, que o senhor me tirou do munturo... separa o lixo né, ele me tirou lá do (...) para me colocar ao lado dos príncipes. E com os príncipes do seu povo. É assim que eu me sinto. Eu me converti, eu era um menino tímido, estava com 22 anos, muito tímido e o senhor me agraciou com um dom. São nove dons que a Bíblia mostra que existem e ele me agraciou com o dom de falar, de pregar e eu me dediquei a minha vida toda à leitura da Bíblia e (...) a ensinar o que eu aprendi.

Não apenas para Seu Alexandre, mas os outros membros da comunidade parecem compartilhar uma visão negativa quanto às práticas antigas. A nova fé abraçada por eles é tida como um triunfo de libertação para a verdadeira religiosidade, para um entendimento real do que é relacionar-se com o divino.

É interessante pontuar a visão que os quilombolas presbiterianos têm dos outros quilombos que ainda praticam rituais ligados às religiões de matriz africana. Nas palavras de uma das mulheres da comunidade,

Na verdade (...) essa questão de religião de matriz africana eles procuram fazer... eles não têm a liberdade que nós temos de formar o canto deles a céu aberto e todo mundo passar e ver. Alguns terreiros que existem, Macapá que tem opções de nomes para eles, né? E eles ainda fazem algumas vezes essas manifestações, mas chega lá e é tudo fechado, tudo fechado. Você nem percebe... é como se fosse uma residência. Aí lá dentro nas 4 paredes é que eles fazem lá...os rituais deles (...) Claro que nós não perseguimos eles, a gente sabe que a religião deles é uma coisa horrível

para a humanidade, e a própria Bíblia diz que... se fala mesmo, tem textos específicos que os feiticeiros não herdarão o Reino dos Céus. Então, assim, como que eu sendo luz no meio de tudo isso, ter que ouvir e ter que ficar calada disso tudo?

A visão negativa que hoje os membros do quilombo têm das práticas antigas, tanto das ladainhas quanto dos rituais de pajelança cabocla, floresce depois da conversão dos quilombolas do Mel da Pedreira à fé cristã protestante.

O discurso de rejeição e diferenciação do catolicismo pela tradição protestante sempre foi um elemento de construção da identidade do protestantismo brasileiro. Mendonça (1995) descreve o início do protestantismo no Brasil no período colonial como sendo marcado pela vinda dos holandeses para o nordeste chegando a ser organizado o primeiro sínodo no Brasil e estabelecendo uma comunidade forte, mas tendo sido prevalecido pelo Catolicismo. No Brasil imperial, a religião oficial era a católica, mas com certa tolerância para aqueles de outras religiões, mas ainda assim com restrições quanto aos locais de culto, construções de templos e à evangelização. Até essa época o protestantismo nos país era restrito ao mundo dos missionários e com tradução quase inexistente para a realidade brasileira, Robert Kalley começa suas atividades religiosas em português, preparando o caminho para a chegada de outros, como Simonton, por exemplo.

Mendonça apresenta os aspectos mais importantes da reforma na Inglaterra, dando ênfase ao puritanismo, que acabou sendo uma grande influência para o protestantismo americano que se concentrou em uma moralidade forte, elevado padrão acadêmico, pela defesa da centralidade das escrituras e disciplina rígida. O autor fala dos avivamentos do século XVIII como essenciais para o entendimento do protestantismo no Brasil, uma vez que argumenta ser esta a maior influência trazida pelos missionários, sendo sua característica central o individualismo.

A maior estratégia missionária executada no Brasil pelos protestantes foi a educação. Como o protestantismo tem como um de seus mais fortes pilares a leitura das escrituras pelo fiel, além do fato do culto ser caracterizado pela leitura, os missionários ao perceberem a abertura dos camponeses, se

empenharam na alfabetização desse grupo implantando escolas paroquiais. A implantação dessas escolas se deu ao mesmo tempo do surgimento das igrejas e nelas se usava o método de ensino americano, que era contrário ao vigente no Brasil que se baseava em memorização. Não se sabe ao certo todos os detalhes sobre essas escolas, mas é sabido que elas fecharam em sua maioria com o surgimento das escolas públicas.

Apesar de o protestantismo não ter chamado a atenção das camadas sociais mais altas, conquistou espaço entre os pobres da zona rural. Mendonça brilhantemente elenca os principais motivos para que isso tivesse acontecido: o cotidiano do homem pobre rural era restrito aos sítios vizinhos e o cultivo da agricultura, não tendo muita relação com o mundo exterior nem dependendo dele politicamente, sendo assim ele tinha liberdade de ir e vir, sua mobilidade relacionada ao desapego à terra e estava à margem da vida social nos centros. Os aspectos religiosos também são apontados: sua religião era difusa e não sistematizada e sua relação com a religião era lúdica e pessoal, fugindo de rituais formalizados e rígidos.

Por outro lado, se esses fatores foram pequenos canais facilitadores para a penetração do protestantismo na zona rural, existiam também algumas dificuldades a essa assimilação: as diferenças entre o catolicismo e o protestantismo não eram tão explícitas ou radicalmente diferentes quanto se fossem outras religiões não-cristãs, ênfase excessiva no institucionalismo e no intelectualismo (já que os protestantes não abriram mão do seu intelectualismo mesmo em uma área constituída de analfabetos), o culto protestante era caracterizado pelo racionalismo e, finalmente, a ética e o lazer defendidos pelos missionários fosse talvez muito restrita para o homem rural que gostava de consumir bebidas alcoólicas em seus momentos de diversão e folga.

Na parte em que o protestantismo conseguiu se expandir, que combinou com o desenvolvimento da trilha do café, era anunciada uma nova religião que enfatizava a salvação pela fé e pela graça, a ideia de que somos peregrinos nesta terra, dando grande ênfase ao mundo porvir e uma divisão clara entre o mundo sagrado e o profano. O individualismo também tem um papel fundamental nesta evangelização, pois o fiel era encorajado a tomar uma decisão individual.

Na última parte do livro, Mendonça analisa a teologia do protestantismo que se firmou no Brasil. Remetendo sua influência maior aos grandes reavivamentos vivenciados na América do Norte, ele analisa como os missionários que marcaram o protestantismo brasileiro, embora tenham estudado em seminários e universidades, foram produtos desses movimentos e, assim, trouxeram para o Brasil uma teologia não acadêmica e que adquiriu nuances diferenciadas das da América do Norte justamente por terem encontrado no Brasil uma realidade única e muito influenciada pelo catolicismo. Sendo assim, nas primeiras décadas de influência protestante no Brasil, a ênfase da pregação era: polemizar contra a igreja católica, divulgar e aplicar uma moral baseada em princípios norte-americanos e na pregação das escrituras. O autor certamente aponta que este último aspecto contribuiu para o surgimento de filólogos e gramáticos estudiosos das línguas originais, o que foi de grande valor para os estudos teológicos brasileiros. Por outro lado, os aspectos de polêmica contra o catolicismo e o moralismo afastaram os protestantes da cultura.

Um dos pontos interessantes da análise que Mendonça faz da relação catolicismo e protestantismo no Brasil é como a opinião sobre a igreja católica difundida pelos protestantes era unificada, sendo Simonton usado como exemplo mais detalhadamente. Ele, e muitos outros, entendiam o catolicismo como um desvio da fé cristã, reprovavam fortemente as indulgências, a adoração aos santos e à Maria e não viam elos de aproximação entre as duas vertentes.

Entretanto, os aspectos tradicionais da religiosidade quilombola de alguma forma continuam subsistindo ao lado do protestantismo, apesar do discurso de oposição. Muitas outras experiências foram relatadas a mim enquanto estava visitando o quilombo, não apenas relacionadas à cabeça de fogo, mas também sobre mulheres feiticeiras que viram animais, como onças e porcos, mulheres das quais só se enxerga a parte de baixo do corpo. Uma das versões sobre a cabeça de fogo inclusive, diz que trata-se de uma mulher cujo marido traiu e abandonou e ela, raivosa, faz com que sua cabeça se ausente do corpo em forma de fogo e saia nas vilas e quilombos procurando por ele. Um detalhe importante é que esses fenômenos acontecem em noite de lua cheia e no meio do mato.

Tentando conectar as informações oferecidas nos dados descritos acima, a trajetória percorrida por Seu Bráulio na construção do que hoje é o quilombo Mel da Pedreira é intrigante e oferece subsídios para começarmos a fazer relações importantes na compreensão da identidade religiosa que assumem. O caminho percorrido pelo patriarca e sua família foi um caminho, acima de qualquer outro, ligado à espiritualidade e ao sobrenatural. A escolha dos eventos narrados a todos os visitantes que conhecem o quilombo, e que não diferentemente passam de geração em geração entre eles, aponta para o fato de serem os negros do Mel da Pedreira humanos que pautam uma grande parte de sua trajetória e razão de existir na religião.

Uma das doutrinas que desempenha um papel na construção de identidade é a da *predestinação*. Segundo a fé calvinista, aqueles que são salvos o são não por nenhum merecimento próprio, mas pelos méritos do sacrifício de Cristo na cruz. Logo, os que foram designados para a salvação serão salvos inevitavelmente. A conversão ao protestantismo estava de forma tão arraigada ao que aconteceria entre eles que até os próprios espíritos encantadores, que os quilombolas do Mel da Pedreira consideram ligados às trevas, teriam anunciado a salvação entre eles.

Assim, a sensibilidade espiritual de Seu Bráulio de forma alguma teria sido arbitrária ou gratuita, mas, como Seu Alexandre afirmou, “Deus já se manifestava a ele”. Apesar das construções conceituais dos protestantes do quilombo com relação aos encantados e os ritos de Pena e Maracá, no momento que eles veem as primeiras manifestações espirituais que aconteceram na vida de Seu Bráulio (chorar no ventre da mãe e ouvir sons de trombeta) como sendo algo ligado ao divino, traz-se para a discussão a pergunta: seria o presbiterianismo no Mel da Pedreira tão ortodoxo como imagina o olhar imediato? Ou talvez tenha havido no percurso da história do quilombo e da construção de sua identidade religiosa uma troca que deixa vestígios de uma espiritualidade menos restrita?

Sempre houve uma cautelosa e tímida interrogação por parte da liderança da igreja no quilombo quanto à forma litúrgica adotada entre eles. Sendo convertidos a uma fé externa a sua tradição, houve uma apropriação automática daquilo que veio de fora para dentro. As músicas, as orações, a forma como

conduzir sermões e até mesmo como se entender o que é aceitável ou não no que diz respeito às manifestações no mundo dos espíritos. Para presbiterianos esse é um assunto pouco comentado, já que defende-se com veemência, na maioria das igrejas, que as manifestações carismáticas se encerraram no período apostólico e que não fazem parte da forma como a igreja entende o cristianismo hoje.

A forte aceitação de uma liturgia mais pentecostal no quilombo talvez seja a pista para a leitura que estou propondo. Se o fogo é um elemento central de identidade cultural na região da Amazônia e do ser quilombola, sendo o fenômeno da cabeça de fogo a forma mais evidente e explícita desse conceito, a crença religiosa que transfere o medo do fogo para o buscar pelo fogo do Espírito Santo divino toca na alma dos moradores do quilombo como algo mais perto de suas raízes e visão de mundo. Se existe uma luta entre o bem e o mal, entre a comunidade e a cabeça de fogo, que é tida por todos como algo ligado ao mundo das trevas, faz sentido combater esse mal estando revestido do fogo do Espírito, para usar uma linguagem peculiar entre os carismáticos. A frase de uma das mulheres do quilombo resume o que eu percebi por parte de muitos. A crença de que algo sobrenatural se manifesta ali:

(...) falam que é história, mas nesses interior muita coisa acontece.

Um dos líderes da música da igreja me disse que um culto abençoado é quando há o poder do Espírito Santo presente e isso se traduz nos brados de “aleluia” e de sentirem fervor nas orações feitas. Não é um culto morto, mas vivo. Pude perceber, inclusive, a alegria radiante de um deles, já idoso, que dançava o marabaixo para nós, os visitantes, ao final do culto. Era uma dança interessante e de fácil tradução. Passos bem apertados são dados, simulando pés que estão presos por correntes. Difícil é imaginar essa sequência de rupturas na história desse quilombo. Herança de ruptura étnica, ruptura religiosa, cultural e artística. Existe a meu ver, mesmo que inconscientemente até certo ponto, uma tentativa real de retorno às origens, mesmo que traduzidas

e negociadas em diálogo com o que também passou a fazer parte da história dos quilombolas do Mel da Pedreira.

Esse ponto fica mais claro na fala de Seu Biló, primeiro convertido do quilombo. Falando da cabeça de fogo ele diz:

Eu vi também. Ela ficou em cima do pau. Ela vem pequena e aqui acolá acende. Vimos bem perto, com uma distância de uns 100 metros. “Sabe a história do morto? Quando a pessoa morre? Biblicamente, eu já fiz muito estudo, mas teve um pastor que disse que eu não era crente. Fica lá naquela parábola do Lázaro e do rico. O servo do Senhor quando morre, o corpo dele fica na terra e a alma dele sobe para Deus. Agora o corpo fica como se fosse no leito. Agora o perdido, quando ele morre, ele é sepultado no inferno, já vai pra dificuldade e o corpo dele fica lá. E ele fica no inferno e ele fica entre nós. Aí o pastor disse: O senhor né crente, não! Aí eu disse: “Tu fica no pé da letra, rapaz”. A cabeça de fogo é uma pessoa viva. A cabeça sai e o corpo fica. Isso é do Satanás.

O discurso de Seu Biló revela que suas concepções teológicas a respeito do que acontece no mundo dos espíritos são negociadas com sua influência de visão de mundo própria da região. Ao dizer que não lê o texto ao pé da letra, ele revela seu poder de dialogar a fé com o passado religioso ao qual pertenceu, fazendo uma ponte com sua crença atual.

1.2 RELIGIOSIDADE, SINCRETISMO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Em um estudo dessa natureza, que aborda diretamente questões de conversão religiosa, falar de sincretismo é algo esperado. Na verdade, antes da minha primeira visita ao quilombo essa era uma das perguntas mais urgentes que eu tinha: que face (s) o presbiterianismo no quilombo Mel da Pedreira possui, pensando em um grupo étnico que veio de um catolicismo popular

sincrético para uma fé protestante. Teriam eles mantido algo do passado? De que forma?

A palavra sincretismo assume dimensões complexas, principalmente para grupos religiosos conservadores. A noção de que existe uma pureza teológica e doutrinária a ser preservada faz parte do discurso das religiões cristãs, especialmente, e isso gera uma associação do termo a ideias de contaminação ou infiltração. Shaw e Stewart (1994, p.7) abordam essa problemática e afirmam que o sincretismo não é um termo com um significado fixo, mas que tem sido “constituído e reconstruído historicamente”.

Qual seria hoje o seu uso? Simplesmente identificar um ritual ou tradição como ‘sincrético’ nos diz muito pouco e leva a praticamente lugar nenhum, já que todas as religiões têm origens compostas e estão continuamente reconstruídas por processos contínuos de síntese e apagamento. Assim, ao invés de tratar o sincretismo como uma categoria – um “ismo” – gostaríamos de focalizar em processos de síntese religiosa e discursos de sincretismo.⁴

Não se pode afirmar que exista sincretismo no quilombo Mel da Pedreira. Não se pensarmos em sincretismo como mistura ou infiltrações claras de religiões diferentes. Em nenhum momento percebi referência a religião alguma que não fosse o cristianismo, apesar de haver notadamente uma mistura de estilos e doutrinas dentro do espectro do evangelicalismo brasileiro na forma de culto. Após muita investigação, constatei que não há resquícios visíveis dos rituais de Pena e Maracá ou do catolicismo popular.

Apesar disso, há um fato discursivo que me chama a atenção e que surgiu em uma entrevista específica na qual o falante me explicava o fenômeno da cabeça de fogo. Ela foi descrita como algo proveniente do mal, opinião comum a todos que entrevistei. Falando sobre esse fenômeno, surgiu a questão do que acontece após a morte e o relato afirma que as pessoas salvas vão estar com Jesus e os ímpios ficam com a alma rondando na terra. Longe de uma teologia presbiteriana que se julgue ortodoxa, em que as almas deixam a terra após a morte, a declaração ilumina a pesquisa. Talvez o que tenha ocorrido

⁴ Minha tradução.

nesse processo de conversão tenha sido a manutenção implícita de alguns elementos que faziam parte da visão de mundo quilombola pré-protestantismo e que não são flagrantes nos discursos eclesiásticos.

As mais recentes opiniões teológicas sobre a conversão de grupos étnicos ao Cristianismo buscam partir de uma sensibilidade no processo de pregação e inculturação do evangelho. Isso é, pelo menos, uma ênfase divulgada por estudiosos como Lamin Sanneh, por exemplo. Para ele, o evangelho tem por natureza uma essência de tradutibilidade, que nada mais é do que a mensagem de Cristo sendo intrinsecamente transcendental, atemporal, transcultural e que não é presa a nenhuma língua ou cultura em particular. Pelo contrário, ela teria a elasticidade de adaptação a repertórios simbólico locais, levando o crente a traduzir os princípios evangélicos à sua própria cultura e, portanto, apreender melhor a religião em seus próprios termos (Sanneh, 1989, p.11).

Em um bom número de casos que eu já tive contato pessoalmente, onde houve uma presença missionária, se ocorre essa tradutibilidade é raramente por iniciativa do missionário. De acordo com Sanneh, o modelo para a tradutibilidade do evangelho pode ser visto nos registros da igreja primitiva, reconhecendo todas as culturas e línguas, porém, muitas comunidades deixaram o cristianismo pela igreja que, diversas vezes, insiste em fazer do cristianismo algo exclusivo (Sanneh, 1989, p.47).

No quilombo Mel da Pedreira houve, sem dúvida, uma inculturação significativa como resultado da conversão do grupo à fé protestante. Na opinião deles, as mudanças foram positivas, é tanto que a analogia que define a passagem religiosa da comunidade é a profecia do caboclo, quando disse que eles os abandonariam e começariam a andar em uma pista linda. As mudanças foram drásticas e se estenderam a vários âmbitos da vida quilombola na época, como uma mudança no cerimonial, uma vez que trocaram as missas e incorporações do espíritos por um culto protestante, formal e litúrgico, aboliram o consumo de bebidas alcoólicas e tabaco, deixaram de oferecer e frequentar festas consideradas “mundanas” e adotaram para si um código de ética e moral de acordo com a IPB. Um exemplo disso é a oficialização do

casamento civil, que até a conversão e filiação à igreja não era algo esperado ou exigido.

Pode-se dizer que houve pouco dessa tradutibilidade do cristianismo protestante na cultura negra do quilombo, mas talvez as mudanças litúrgicas que descrevi sejam uma forma, ainda que embrionária, de aproximar a fé que abraçaram e um passado negado por eles quase que completamente. Recuperar os tambores, o ritmo do marabaixo, danças e uma atmosfera de extrema alegria podem ser uma tentativa de revisitar o passado perdido e resgatar o que pode ser redimido para traduzir-se em expressões que sejam compatíveis com as convicções evangélicas que tanto prezam.

Caminhando para uma leitura dos fenômenos religiosos e de ligação à terra que dialogue com questões teóricas de identidade, retomo o trabalho de Cardoso de Oliveira, que entende a identidade como tendo aspectos pessoais e sociais interconectados. Existem vários aspectos da complexa construção da identidade dos quilombolas. Afinal, é uma identidade que se baseia em uma mistura de atribuições internas e externas ao grupo. Mais especificamente falando sobre o Quilombo Mel da Pedreira, vimos até agora os seguintes elementos em sua história: descendência que sofreu um desenraizamento de sua origem geográfica e religioso-étnico-cultural, trabalho escravo, rebelião e fuga para os quilombos, construção de uma comunidade rural, conversão do catolicismo popular sincrético para o protestantismo, conhecimento da formulação conceitual moderna de quilombo e aceitação dela, titulação e posse da terra que habitam, envolvimento político e de emancipação de projetos junto aos órgãos do governo.

Cada um desses passos tomados formaram, ao longo dos anos, a visão que os quilombolas do Mel da Pedreira tem de si mesmos. Não só sobre si, mas sobre os outros quilombos, sobre os moradores urbanos em Macapá e o restante do Brasil. Na verdade, poderia afirmar que todas essas visões estão interligadas e juntas espelham as diferentes identidades étnicas, culturais e religiosas dos quilombos, tanto no nível individual quanto social. Como Cardoso de Oliveira (2003, p.119) afirma:

A identidade social surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social. Porém, a identidade social não se descarta da identidade pessoal, pois esta também de algum modo é um reflexo daquela. “A identidade social e a identidade pessoal são parte, em primeiro lugar, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão” (E. Goffman, 1963:105-106). O conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações.

Para os quilombolas do Mel da Pedreira a identidade é fortemente ligada a duas questões centrais: a terra e a religião. Nas minhas primeiras visitas eu pensei no aspecto religioso como tendo primazia em importância para os moradores da comunidade, se comparado a qualquer outro, inclusive ao elemento da terra. Acredito que tive essa primeira percepção pelo discurso constante de auto definição deles mesmos pela categoria de “único quilombo evangélico no mundo”. Essa frase aparece nas falas de todos como um ponto de diferenciação e orgulho maior para eles, já que outros quilombos no estado também possuem a titulação da terra, mas nenhum, mesmo aqueles onde há presença protestante, pode afirmar que é inteiramente evangélico.

No entanto, na progressão do trabalho, interpretação de dados e no meu processo de compreensão dos quilombolas do Mel da Pedreira, percebi que tão formador da identidade do grupo quanto a religiosidade é a relação com a terra. Não simplesmente terra, o chão, do qual tiram seu sustento, mas especificamente a terra que habitam, comprada pelo patriarca e onde eles construíram suas casas com as próprias mãos, comeram do fruto que ali plantaram, mas também viram a colheita não vingar e onde geraram seus filhos e os educam orgulhosamente na fé que abraçaram.

A questão central desse trabalho, e a que permeou a minha interpretação dos dados coletados em campo, é: o que é ser quilombola e presbiteriano no Quilombo Mel da Pedreira? O que compõe essa identidade, como ela se constrói? Segundo Cardoso de Oliveira (2003, p.112), quando pensamos em relações inter-étnicas estamos lidando com um sistema de contrastes. Sendo

assim, ao definir-se como evangélico, o quilombola do Mel da Pedreira está afirmando que não é católico nem praticante de religiões de matriz africana.

Essa categoria religiosa que o grupo assume, a de evangélica, é vista pelos quilombos vizinhos – aqueles que estão na outra margem do rio - como algo positivo e até admirável. Nas comunidades vizinhas que visitei, São Pedro dos Bois, Alegre e Ambé há presença de amigos e familiares e o clima é de aceitação e parceria. Afinal, como já mencionei, o patriarca do quilombo do Mel da Pedreira vem do Ambé e lá ainda hoje existe uma família presbiteriana e um templo da igreja Assembleia de Deus, apesar de permanecer um quilombo predominantemente católico. Do Ambé ele foi para São Pedro dos Bois, onde constituiu família antes de comprar o terreno onde é o quilombo. No Alegre existe hoje apenas uma família e tem relação de parentesco com Dona Auta, esposa de Seu Bráulio. Os outros quilombos e comunidades mantêm relações de amizade com os quilombolas do Mel da Pedreira ou porque estes realizam cultos de evangelização entre esses grupos ou por vínculos familiares e de amizade.

Mas no panorama mais amplo do cenário quilombola amapaense, existe uma certa resistência, especialmente nos quilombos mais tradicionais que se caracterizam pela religiosidade e preservação da cultura afro em seus contextos. É importante acentuar que essa visão é uma via de mão dupla, uma vez que os próprios quilombolas do Mel admitem existir uma incompatibilidade de visão com os grupos mais militantes.

Um dos quilombos mais tradicionais e o primeiro a receber a titulação no estado é o Curiaú, que é conhecido pela influência e divulgação na mídia das tradições quilombolas. Apresentações de músicas no ritmo Marabaixo, uso de roupas tradicionais, e até africanas, são alguns dos elementos presentes e que marcam um engajamento de manutenção da cultura entre eles. Existe uma divergência de opinião e concepção política e religiosa entre esses grupos e a comunidade do Mel da Pedreira, que envolve, o que na visão daqueles seria uma negação das tradições culturais e religiosas por parte dos quilombolas protestantes. Estes, por sua vez, veem os de fora com uma medida de reserva pelas práticas religiosas de matriz africana, entre outros pontos.

Além dessas relações entre quilombos, ainda é preciso atentar para a concepção que existe entre os quilombolas e os moradores de Macapá, cidade próxima e que serve de apoio para comercialização e serviços burocráticos. Em entrevista com uma moradora da capital percebi que existe uma noção por parte dos que estão na capital que quilombolas são estranhos, que fazem magia ou cultos de matriz africana e muito dessa concepção vem do fato de que os relatos que permeiam o imaginário popular das lendas e manifestações sobrenaturais vêm da zona rural, onde há uma concentração de comunidades negras, assumidamente quilombolas ou não.

Pensando nas diferentes faces vistas pelo quilombolas do Mel da Pedreira deles mesmos e de seus vizinhos, o conceito de “identidade contrastiva” me parece útil para situar teoricamente a questão. Segundo Cardoso de Oliveira (2003, p.112)

A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação de nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. No caso da identidade étnica ela se afirma “negando” a outra identidade, “etnocentricamente” por ela visualizada. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. No caso da identidade étnica ela se afirma “negando” a outra identidade, “etnocentricamente” por ela visualizada.

As dimensões da afirmação da identidade quilombola como oposição a outros grupos transcendem a questão puramente étnica. Sim, ao afirmar-se negro, diz-se que não é branco ou indígena e apropria-se de uma série de concepções que fazem parte da identidade negra. Afirmar-se quilombola é diferente de afirmar-se negro ou remanescente de escravizados. Essa diferença é importante para entendermos melhor como se constrói a identidade do grupo em estudo e, para tanto, retomo algo sobre o que já falei anteriormente. A identidade quilombola no Mel da Pedreira se dá “de fora para dentro” e é posterior à identidade religiosa. Esses dois pontos iluminam a discussão, pois a forma como a categoria quilombola entra na comunidade é através da proposta

do INCRA. O termo quilombola, como se define atualmente, é, portanto, um conceito que lhes é imputado (e posteriormente absorvido) por razões políticas e ideológicas.

A categoria *protestante* também denota esse movimento de fora para dentro, já que estamos falando de uma religião que não faz parte da tradição do grupo e que foi incorporada à vivência deles posteriormente. Entretanto, diferentemente da questão quilombola, é aceita pela comunidade não por terem constatado que a categoria presbiteriana seria um encaixe adequado para questões históricas e políticas deles. Os negros do Mel da Pedreira, quando ainda não se autodenominavam quilombolas, se converteram ao presbiterianismo que era entre eles estigmatizada e conhecida como uma religião estranha.

Ao abraçarem a fé protestante, os negros do Mel da Pedreira escolheram romper com uma parte essencial que os definia até então: a continuidade de práticas de Pena e Maracá, sendo esse um dos pontos maiores de identificação com o entorno. Não apenas de identificação pela similaridade dos rituais praticados entre eles, mas também por ser um canal de ajuda para vizinhos que viam o quilombo como um lugar de cura e resolução de problemas. Então a pergunta “como os quilombolas do Mel da Pedreira se veem” é respondida somente ao conectarmos a visão que eles têm de si mesmos e a visão que os de “fora” têm sobre eles.

Assim, há dois elementos que considero centrais na identidade do grupo de quilombolas no Mel da Pedreira: a ligação com a terra e a religião. Ao eleger esses dois elementos como centrais não estou sugerindo que sejam os únicos, mas que foram, a meu ver, os mais proeminentes ao interpretar os dados coletados em campo, o que me conduz ao fechamento do que tenho tentado descrever até agora e como esses dois elementos dialogam entre si.

No capítulo dois escrevi sobre a liturgia no quilombo fazendo uma comparação entre minhas visitas. Dessa última vez fiquei realmente surpresa com a mudança na forma de culto, pois a introdução de um formato litúrgico com estilo pentecostal foi marcante, como já descrevi. E porque esse fato provocou enorme curiosidade resolvi investigar a questão. Afinal, de onde estaria vindo essa influência? Os participantes do culto estavam visivelmente

felizes, engajados e muito à vontade com o novo estilo e não percebi resistência de nenhuma parte. Descobri, então, que a influência vinha de pessoas do grupo que têm um histórico e vivência no contexto pentecostal.

Os quilombolas se converteram, abandonando e apagando o passado histórico que envolvia os tambores, as danças, a ligação com manifestações sobrenaturais. Sendo a tradição presbiteriana uma religião conservadora, esses elementos tiveram que ser negados, até mesmo para que houvesse uma identificação com o que passou a ser o novo grupo de referência, tanto para assuntos religiosos como também éticos e morais: a igreja presbiteriana na capital.

As mudanças que estão acontecendo no quilombo são marcantes e significativas. Por décadas, desde o seu início, o quilombo viveu a vida mansa cantada por Zé Miguel. Pescaria, plantação, cuidado com os filhos, busca espiritual através da religião protestante e um apego à terra e aos laços familiares. Com o desenvolvimento urbano em Macapá, a emancipação na participação política e desejo de produzir farinha e mel para o aumento da renda das famílias, os descendentes de Seu Bráulio de Souza abriram um leque de oportunidades que são vistas por eles como positivas. As mudanças mais pontuais foram: o recebimento da titulação da terra e a conversão para o protestantismo. Esses dois elementos são, a meu ver, os principais para o entendimento da identidade quilombola construída no Mel da Pedreira.

Embora a escolha do discurso pelos quilombolas privilegie o elemento religioso como central na vida quilombola do Mel da Pedreira, a terra ocupa tanta importância que mesmo antevendo uma possível desintegração da homogeneidade protestante existe uma escolha consciente que eleva as relações familiares ligadas à posse e direito da terra. Com a introdução de familiares que se tornarão moradores do quilombo através do programa de construção de quase cem residências, o quilombo assumirá uma face diferente: menos elementos de agricultura de subsistência e mais ênfase no comércio, menos distância entre as casas e, assim, a introdução de uma estrutura parecida à de um bairro e, finalmente, uma diversificação religiosa, uma vez que muitos novos moradores seguem outras vertentes do Cristianismo e tais mudanças são

vistas e discutidas entre a liderança do quilombo de forma consciente e planejada.

E, a partir desse último ponto, concluo meu trabalho afirmando que um olhar sobre a religiosidade quilombola no Mel da Pedreira se completa a partir da investigação da relação da comunidade com a terra. O apego, valor e unidade de pensamento das famílias quanto à preservação da terra como herança deixada pelos patriarcas, como lugar de construção de memória étnica e familiar e como lugar onde os princípios da religião protestante norteiam a vida e a espiritualidade são chave para o entendimento do que é ser negro, quilombola e presbiteriano no Mel da Pedreira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os dias em que negros de África foram trazidos ao Amapá até hoje, muitas histórias e mudanças aconteceram formando um passado repleto de abnegação, mas também de luta, revolta, fuga, adaptação, ruptura e negociação. Tantas adaptações e sofrimento deixaram marcas históricas, políticas e sociais nos negros que, hoje, formam as comunidades quilombolas do Brasil.

Esta pesquisa teve como principal objetivo pensar em questões de identidade religiosa no Quilombo Mel da Pedreira, descrevendo a passagem do Catolicismo Popular aliado às práticas de Pajelança Cabocla ao Presbiterianismo e que face (s) essa nova religião forma na comunidade. A pergunta central seria, portanto: o que é ser quilombola e presbiteriano no Mel da Pedreira? A pesquisa que, inicialmente, tinha um foco religioso, acabou por adentrar, possivelmente um pouco mais do que eu tivesse previsto, o elemento da identificação com a terra como essencial para uma construção da identidade quilombola em estudo.

Sendo assim, no capítulo um dediquei minha escrita primeiramente às características do quilombo: sua origem, liderança, espaço físico, relações de parentesco e com o entorno, questões econômicas e a organização social. Em seguida, falo sobre o processo de auto reconhecimento da comunidade como quilombola e o processo de titulação da terra. Comecei, então, a construir meu argumento sobre o que comporia a identidade quilombola e um dos elementos é, sem dúvida, a relação com a terra.

A terra como elemento de construção identitária para os quilombolas do Mel da Pedreira vai muito além da segurança de moradia e permanência no lugar onde construíram suas vidas. É um ponto essencial de conexão com o passado familiar conferindo ao negro, que ainda hoje sofre seu histórico marcado pelo desenraizar de sua origem, um sentimento de vinculação e pertencimento.

O capítulo dois abordou especificamente as questões religiosas. Primeiramente narrei os rituais e práticas da pajelança cabocla existentes no

quilombo antes da chegada do protestantismo. Também narrei essa conversão comunitária dos negros do Mel da Pedreira e como se deu a passagem para a nova fé.

Em seguida, falei sobre a inserção do grupo na Igreja Presbiteriana do Brasil, as dimensões dessa mudança e como o grupo passou a ver nessa instituição seu modelo de referência ética, moral, cerimonial e religiosa. A congregação no quilombo toma uma forma descontextualizada de sua herança étnico-cultural. Ao invés de tambores, introduziram instrumentos musicais típicos de uma igreja evangélica e reproduziram na liturgia de seus cultos o modelo do que seria padrão em uma igreja presbiteriana de cidade pequena ou zona rural.

Após a descrição da igreja, mencionei também outras formas de protestantismo existentes no quilombo e como elas dialogam com a fé protestante reformada para o que seria uma versão litúrgica e de ênfase teológica diferenciadas dentro do contexto da IPB. Paulatinamente, a espiritualidade quilombola na sua forma de culto tem buscado expressão própria, com a reintrodução dos tambores e de canções mais alegres e festivas, mesmo sendo esse último ponto uma incorporação de outra tradição cristã e não da origem afro da comunidade.

No terceiro capítulo narrei algumas experiências de sincretismo religioso que ouvi dos moradores da região da Pedreira, especialmente do quilombo São Pedro dos Bois, que mantém uma relação bastante próxima com o Mel da Pedreira. Apesar de não se poder falar de um sincretismo explicitamente visível no quilombo em estudo, argumentei que possivelmente houve uma negociação do que seria a crença tradicional do grupo pré-conversão com os conceitos teológicos da nova fé e citei um exemplo concreto. Acredito que há mais a ser explorado quanto ao tema, especialmente em uma pesquisa que focalize na negociação de conceitos teológicos e religiosos.

Finalmente, falei sobre a construção da identidade quilombola no Mel da Pedreira trazendo os pontos trabalhados na pesquisa até o presente. Utilizando o conceito de identidade desenvolvido por Cardoso de Oliveira e João Baptista Borges Pereira, argumentei que existe uma relação forte entre os quilombolas e a terra e que essa identidade ligada à terra dialoga profundamente

com a identidade religiosa. Isso fica claro pelo apego que têm ao fato de que a terra foi dada a eles pelo patriarca e à crença que Deus abriu as portas para que eles recebessem a titulação. O grupo se vê como quilombola, mas esse é um conceito que ganha forma em um movimento de fora para dentro, assim como o modelo litúrgico dos cultos protestantes e a forma de organização da igreja. Recentemente tem havido uma tentativa consciente por parte de alguns líderes de ampliar as bordas de possibilidades de experiência religiosa e forma de culto. Essa mudança tem vindo, principalmente, por uma influência pentecostal na ordem litúrgica, mas, em alguns pontos, também teológica pela ênfase no fogo do Espírito Santo e nas pregações vibrantes, mas sem manifestações dos dons carismáticos durante os cultos.

Estar envolvida nessa pesquisa por quase dois anos me deu perspectivas e oportunidades de leituras e crescimento que vão muito além da academia. A convivência na Amazônia, mesmo que por períodos curtos, com as famílias do quilombo abriu meus olhos para uma realidade distante da maioria da sociedade brasileira: a vida nos quilombos. Não apenas seus costumes, formas de organização, hábitos culinários e sua paisagem natural privilegiada, mas também conhecer um pouco de suas lutas, sofrimentos, fé e esperança.

A luta quilombola não é recente. Por anos, negros rurais de todo o Brasil têm tentado recuperar e preservar sua história, cultura, religião e terra. Como seus irmãos no Amapá, os negros do Mel da Pedreira são filhos de guerreiros que sobreviveram a uma das faces mais cruéis da humanidade: a escravidão. E cada grupo caminhou da forma que lhe aprouve para lidar com a pergunta: quem somos? É inegável, entre os quilombolas do Mel da Pedreira, que houve uma medida considerável de anulações - do que foi trazido de África pelos antepassados - tanto forçadas pelo regime escravagista quanto por opção do próprio grupo, como a troca de religião. Meu trabalho buscou expandir a discussão sobre essa temática.

Nesta pesquisa, dediquei-me a contribuir para o campo de pesquisas unindo-me aos pesquisadores que me antecederam e aqueles que irão desbravar ainda mais o universo quilombola. Estudar a comunidade do Mel da Pedreira foi certamente um privilégio para mim enquanto pesquisadora e, mais ainda, como ser humano.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, T. *Quilombos em São Paulo: tradições, direitos e lutas*. São Paulo: IMESP, 1997
- BAIOCCHI, M. D. N. *Negros de Cedro: Estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás*. São Paulo: Ática, 1983
- BANDEIRA, M. D. L. *Território negro em espaço branco*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: Poutignat, P. e Streiff-Fenart, J. (Ed.). *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2011,
- BORGES PEREIRA, J. B. O papel da perícia antropológica no reconhecimento das terras de ocupação tradicional. In: Silva, O. S., Luz, L., et al (Ed.). *A perícia antropológica em processos judiciais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994, p.77-78.
- BORGES PEREIRA, J. B. Identidade Protestante no Brasil de ontem e hoje. In: Gloecir, B. e Oliveira, M. H. D. (Ed.). *Identidade Protestante no Brasil de ontem e hoje*. São Paulo: All Print, 2005,
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. Identidade étnica, identificação e manipulação. *SOCIEDADE E CULTURA*, v. 6, n. 2, p. 117-131, 2003.
- COLARES, M. S. *Comunidades remanescentes de Quilombos em Macapá: mapeamento dos resultados da política de assistência social*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- GEERTZ, C. ‘Do ponto de vista dos nativos’: a natureza do entendimento antropológico. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997,
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006
- MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995
- MONTEIRO, A. M. D. Q. *Castainho: Etnografia de um bairro rural de negros*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1985
- QUEIROZ, R. D. S. *Caipiras negros no Vale do Ribeira: Um estudo de antropologia econômica*. São Paulo: EDUSP, 2006

- SANNEH, L. *Translating the Message: The Missionary Impact on Culture*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1989
- SHAW, R.; STEWART, C. Introduction: problematizing syncretism. In: Shaw, R. e Stewart, C. (Ed.). *Syncretism / Anti-Syncretism: The Politics of Religious Systems*. London: Routledge, 1994, p.1-26.
- SOARES, L. R. *A territorialidade quilombola da comunidade do Mel da Pedreira*. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2008.
- VERGOLINO E SILVA, A. Os cultos afro no Pará. In: *Contando a história do Pará: diálogos entre a História e a Antropologia*. Belém: Editora Motion, 2003.

